



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Lia Ivete Cavalcante Costa

Caracterização e avaliação da psicologia comportamental comunitária por meio de
artigos publicados no JABA entre 1999 e 2018

MESTRADO EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL:
ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

São Paulo

2018



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Lia Ivete Cavalcante Costa

Caracterização e avaliação da psicologia comportamental comunitária por meio de
artigos publicados no JABA entre 1999 e 2018

MESTRADO EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL:

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo como exigência
parcial para obtenção do título de MESTRE
em Psicologia Experimental: Análise do
Comportamento, sob orientação da Prof.^a
Dra. Mônica Helena Tieppo Alves
Gianfaldoni.

São Paulo

2018

Banca Examinadora:

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos ou científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por fotocópias ou processos eletrônicos.

São Paulo, ____ de _____ de 2018.

Assinatura: _____

Projeto parcialmente financiado de janeiro de 2017 a agosto de 2018 pela
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES
pelo financiamento do trabalho

Agradecimentos

Agradeço pelas experiências que vivi e me moldaram enquanto pessoa. Posso não ter apreciado algumas, mas todas fazem parte de quem eu sou hoje. Gratidão.

Aos meus pais, Fernanda e Francisco, por nunca medirem esforços para que eu alcançasse meus objetivos. Tenho muito orgulho de tê-los como meus pais. Vocês me inspiram a crescer e a ser uma pessoa melhor todos os dias.

À minha irmã, Léa, pela relação que construímos, que ultrapassou laços sanguíneos, tornando-se uma grande amiga. Nunca medirei esforços para ver você feliz.

Aos meus irmãos, Augusto, Flávio e Danilo, por fazerem valer nossos laços, ultrapassando distâncias. Estamos juntos. Sempre.

À minha irmã de alma, Marília, por partilhar de inquietações semelhantes e buscar, de alguma forma, tornar nossa profissão um ato político. Sempre à luta, minha companheira! Vamos de mãos dadas, sempre!

À minha amiga Thalita, pela parceria construída nos últimos anos. Sei que muitos passos foram e serão dados por nós e que sempre nos impulsionarão rumo ao crescimento pessoal.

À minha amiga Maisa, que, lá atrás, plantou sementinhas da Análise do Comportamento comigo e que sempre estará ao meu lado, torcendo e vibrando. A recíproca é verdadeira: você sabe!

À minha mais nova amiga, Julia Weiss, por chegar aos quarenta e cinco do segundo tempo e me ajudar a marcar esse gol. Você é incrível.

Ao meu querido Felipe, por fazer com que eu acreditasse mais em mim. Este trabalho não seria possível sem o seu apoio, e você sabe disso. Obrigada!

Aos meus amigos, cabe o pedido de desculpas pelo distanciamento ocasionado pelo trilhar acadêmico e profissional. Saibam que todos vocês estarão sempre em meu coração. Os cafés e cervejas estão liberados: vamos comemorar!

Aos amigos que o PEXP me trouxe e que tornaram essa caminhada menos exaustiva. Um breve agradecimento especial a cada um deles: Guilherme, por me apresentar uma outra visão da Análise do Comportamento; Helena, por me inspirar e ensinar a ser uma profissional cada vez melhor; Tereza, minha espiã e grande amiga; João, por nunca me deixar esquecer os motivos pelos quais entrei na academia; Michelle, pelo jeito doce e companheiro; e Carol, por compartilhar comigo o amor pela natureza.

À minha querida equipe de trabalho: Equipe AT! Vocês são peça fundamental do meu crescimento pessoal e profissional. Obrigada por todo o amor, coesão e acolhimento. Um agradecimento especial ao Filipe Columbini, pelo apoio incondicional mesmo nos momentos mais difíceis.

A todas aquelas pessoas que passaram, de alguma forma, pela minha formação pessoal e profissional nos últimos anos. Em especial: Liane Dahás, Luana Flor, Júlia Fink e Martina Otero.

Aos mestres do PEXP, em especial a Maria Eliza Mazzilli Pereira, Nilza Micheletto, Paula Suzana Gioia e Denigés Maurel Regis Neto. Não tenho palavras para expressar a grandiosidade dos ensinamentos transmitidos.

À minha orientadora, Mônica Helena Tieppo Alves Gianfaldoni, por abraçar as minhas ideias e partilhar posicionamentos políticos. Você foi peça fundamental na construção deste trabalho. Obrigada!

Costa, L. I. C. (2018). *Caracterização e avaliação da psicologia comportamental comunitária por meio de artigos publicados no JABA entre 1999 e 2018* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Orientadora: Prof.^a Dra. Mônica Helena Tieppo Alves Gianfaldoni.

Linha de Pesquisa: História e Fundamentos Epistemológicos, Metodológicos e Conceituais da Análise do Comportamento.

Resumo

A aplicação da Análise do Comportamento aos problemas humanos tem potencial para servir nossa cultura, ou, pelo menos, tornar compreensíveis os processos e variáveis que têm mantido as direções atuais de práticas culturais que trazem prejuízos às vidas de todos. Essa aplicação a problemas de relevância social, além de discutida por autores da área, deu origem a um campo intitulado psicologia comportamental comunitária. Por meio da análise de artigos publicados no *Journal of Applied Behavior Analysis* (JABA) entre 1999 e 2018, esta pesquisa tem como objetivo dar continuidade ao trabalho de Otero (1999), caracterizando o escopo de atuação da psicologia comportamental comunitária e avaliando o que tem sido produzido em anos recentes. Em comparação com a pesquisa de Otero (1999), houve uma queda na produção da área, e os trabalhos encontrados foram majoritariamente relacionados à temática trânsito e segurança ao dirigir. Apresenta-se, ainda, uma proposta de instrumento avaliativo guiado mutuamente pelas dimensões de Baer et al. (1968) e pelos valores de Fawcett (1991b). Verificou-se que a área responde positivamente às dimensões de Baer et al. (1968), mas não corresponde aos valores de Fawcett (1991b). Além disso, as demandas, apesar de sociais, não partiram especificamente das populações investigadas, e os estudos não promoveram ampla mudança social.

Palavras-chave: psicologia comportamental comunitária, relevância social, questões sociais, comunidade

Costa, L. I. C. (2018). *Characterization and evaluation of behavioral community psychology through published articles in JABA between 1999 and 2018* (Master's thesis).

Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, Brazil.

Thesis Advisor: Prof. Mônica Helena Tieppo Alves Gianfaldoni, PhD.

Line of Research: History and Epistemological, Methodological and Conceptual Foundations of Behavior Analysis

Abstract

The application of Behavior Analysis to human problems has the potential to serve our culture, or at least make comprehensible the processes and variables that have maintained the current directions of cultural practices that harm everyone's lives. This application to social issues, besides discussed by authors of the area, has given rise to a field called behavioral community psychology. Through the analysis of articles published in the *Journal of Applied Behavior Analysis* (JABA) between 1999 and 2018, this research aims to continue the Otero's (1999) work, characterizing the scope of action of behavioral community psychology, and evaluating what has been produced in recent years. Compared to Otero's (1999) research, there was a decrease in the production of the area, and works found were mainly related to the subject of traffic and safe driving. It is also presented a proposal of an evaluation instrument mutually guided by Baer et al.'s (1968) dimensions and Fawcett's (1991b) values. It was found that the area responds positively to Baer et al.'s (1968) dimensions, but it does not correspond to Fawcett's (1991b) values. In addition, although social, the demands were not specifically requested by populations that were investigated, and the studies did not promote wide social change.

Keywords: behavioral community psychology, social validity, social issues, community

Lista de Figuras

Figura 1. Frequência acumulada de artigos publicados por ano no JABA (1999-2018).	36
Figura 2. Artigos selecionados nesta pesquisa ($N = 25$), conforme número de autores por artigo.....	42
Figura 3. Autores com maior número de publicações.....	42
Figura 4. Número de artigos publicados por temática ($n > 1$).....	45
Figura 5. Frequência de artigos referentes a cada temática.....	46
Figura 6. Tipos de dicas e número de vezes em que foram utilizadas	51

Lista de Tabelas

Tabela 1. Diferentes Definições Encontradas sobre Intervenções Comunitárias.....	21
Tabela 2. Instituições Acadêmicas Levantadas a Partir das Publicações	38
Tabela 3. Instituições Não Acadêmicas Levantadas a Partir das Publicações	39
Tabela 4. Settings de Intervenção nos Artigos Selecionados	48
Tabela 5. Variáveis Independentes Utilizadas nos Trabalhos	50
Tabela 6. Comportamentos-Alvo Encontrados nas Intervenções.....	53
Tabela 7. Porcentagem de Artigos com Indicativos da Categoria Aplicado + Compatibilidade	57
Tabela 8. Porcentagem de Artigos com Indicativos da Categoria Analítico e Tecnológico + Simples.....	59
Tabela 9. Porcentagem de Artigos com Indicativos da Categoria Comportamental + Conceitual/Sistemático Conceitualmente.....	60
Tabela 10. Porcentagem de Artigos com Indicativos da Categoria Efetividade	62
Tabela 11. Porcentagem de Artigos com Indicativos da Categoria Generalidade + Flexibilidade.....	63
Tabela 12. Porcentagem de Artigos com Indicativos da Categoria Valores	64

Sumário

A Análise do Comportamento Aplicada e o Interesse em Fenômenos Sociais.....	1
Psicologia Comunitária Social e Comportamental	11
Proposta de Definição	20
Análise de Trabalhos Aplicados	22
Justificativa e Problema de Pesquisa.....	27
Método.....	28
Material	28
Procedimento	28
Resultados.....	35
Caracterização da Área com Base nas Publicações	35
Número de artigos publicados por ano	35
Análise das instituições a que os autores estão filiados.....	38
Análise da autoria dos artigos.....	41
Tema dos artigos.....	44
Ambientes de intervenção (<i>setting</i>) dos artigos.....	48
Variáveis independentes ou variáveis de manipulação	50
Comportamento-alvo (variável dependente)	52
<i>Follow-up</i>	54
Proposição de Instrumento Avaliativo e Avaliação dos Artigos	55
Considerações Finais	67
Referências	74
Apêndice A	81
Apêndice B	85

A Análise do Comportamento Aplicada e o Interesse em Fenômenos Sociais

O behaviorismo radical, filosofia que orienta a prática da Análise Experimental do Comportamento, busca compreender a interação de um organismo com o ambiente e tem como objeto de estudo o comportamento de organismos. O ambiente dos organismos individuais é composto por outros organismos individuais – e, dessa forma, para se compreender o comportamento humano, a análise deverá ser, muitas vezes, ampliada para o comportamento de dois ou mais indivíduos.

O comportamento de dois ou mais indivíduos em relação um ao outro ou em relação ao ambiente em comum é denominado por Skinner (1953/2003) *comportamento social*. A compreensão desse tipo de interação deve levar em conta o fato de que é sempre um indivíduo que se comporta, a partir dos mesmos processos que ocorrem em uma situação não social. Para Skinner (1953/2003), “o comportamento do indivíduo explica o fenômeno do grupo” (p. 326).

O paradigma comportamental que compreende o indivíduo e os problemas sociais representados no comportamento das pessoas e no ambiente em que elas vivem nos permite trabalhar com problemas considerados intratáveis por outras áreas (Fawcett, 1991a). O behaviorismo radical provê conhecimento científico para a compreensão de qualquer fenômeno humano (Fink, 2014), e a aplicação desse conhecimento aos problemas humanos tem potencial para servir nossa cultura, ou, pelo menos, tornar compreensíveis os processos e variáveis que têm mantido as direções atuais de práticas culturais que trazem prejuízos às vidas de todos (Todorov & Moreira, 2004).

Com o objetivo inicial de provar sua utilidade frente aos problemas humanos, a Análise Experimental do Comportamento, no final dos anos 1950, passou a aplicar os princípios operantes ao comportamento humano (Kazdin, 1978). A área evoluiu de tal

forma que os princípios comportamentais se tornaram passíveis de aplicação na resolução de problemas sociais (Briscoe, Hoffman, & Bailey, 1975).

Diferentemente das pesquisas experimentais de laboratório, nas quais, guardados os critérios éticos, qualquer classe de respostas ou de estímulos era investigada, a intervenção aplicada devia ocorrer preferencialmente em ambiente natural e sob variáveis que promovessem melhorias em comportamentos socialmente relevantes (Baer, Wolf, & Risley, 1968). Dessa forma, a partir dos anos 1960, a utilização dos princípios operantes e da Análise Experimental do Comportamento, sinalizando a articulação entre ciência e prática, cunhou uma nova área de pesquisa: a Análise do Comportamento Aplicada (Malavazzi, Malerbi, Del Prette, Banaco, & Kovac, 2011).

É importante ressaltar que a Análise do Comportamento surge não *apenas* como uma iniciativa técnica e científica, mas também como uma promessa de reforma social, na medida em que se aplica à resolução de problemas sociais. Os estudos da Análise do Comportamento na área aplicada buscam ilustrar formas pelas quais a sociedade poderia transformar suas práticas e melhorar as chances de sobrevivência (Greene, Winett, van Houten, Geller, & Iwata, 1987). Com a aplicação, espera-se que os objetivos traçados sejam significantes, que seus procedimentos sejam apropriados e que os resultados sejam benéficos para a sociedade (Fawcett, 1991a). Segundo Baer et al. (1968),

uma análise aplicada do comportamento deve tornar óbvia a importância da mudança comportamental, suas características quantitativas, as manipulações experimentais que analisam com clareza o que foi responsável pela mudança, a descrição tecnologicamente exata de todos os procedimentos que contribuíram para tal mudança, a efetividade destes procedimentos em fazer a mudança de valor suficiente e a generalidade desta mudança. (p. 97)

Baer et al. (1968) publicaram, na primeira edição do *Journal of Applied Behavior Analysis* (JABA), um artigo que definiu o domínio de estudo do periódico e as diferenças entre a pesquisa básica e aplicada e ainda propuseram sete dimensões a serem consideradas nos estudos aplicados da ciência comportamental, que serão brevemente descritas.

- (a) *Aplicado*. Essa dimensão corresponde ao interesse da sociedade pelo comportamento-problema, e, como já citado, o estudo deve levar em consideração comportamentos socialmente relevantes. O comportamento, estímulo ou organismo estudado é escolhido a partir da sua relevância social, e não por conta de sua importância para o desenvolvimento da teoria. Tipicamente, há uma relação próxima entre o comportamento/estímulo estudado e o sujeito que se estuda, de forma que seja possível responder à pergunta: qual a importância daquele comportamento ou daqueles estímulos para o sujeito que se estuda?
- (b) *Comportamental*. Essa dimensão aponta que a pesquisa aplicada é pragmática: busca responder como é possível ao indivíduo efetivamente fazer algo, ou seja, estuda o que os sujeitos fazem, e não o que dizem que fazem (a não ser que um comportamento verbal específico seja o comportamento investigado). Nesse sentido, há certa dificuldade no estabelecimento do que o sujeito faz, pois um estudo científico exige medidas precisas. Para resolver a questão, é importante o acordo entre mais de um pesquisador na definição do comportamento-problema;
- (c) *Analítico*. A Análise do Comportamento tem como premissa a descrição confiável das prováveis variáveis controladoras de determinado comportamento. Essa dimensão se refere à necessidade de demonstração

confiável dos eventos que possam ser responsáveis pela ocorrência ou pela não ocorrência do comportamento, de forma que o experimentador tenha controle sobre o comportamento estudado. Ter controle sobre o comportamento significa que o experimentador sabe quais variáveis ambientais são responsáveis pela emissão e manutenção de determinado comportamento. Para tal, o experimentador faz uso de controles experimentais utilizados pela área, como, por exemplo, reversão e linha de base múltipla.

Em um controle experimental de reversão, um comportamento é medido sem intervenção alguma. Em seguida, a variável experimental é aplicada, enquanto o comportamento continua a ser medido, a fim de se verificar se há alguma mudança comportamental. Por fim, retira-se a variável experimental – reversão para o comportamento inicial –, para se observar se a mudança comportamental ocorre em função da variável.

O controle experimental de linha de base múltipla pode ser utilizado quando o comportamento estudado é irreversível ou a retirada da variável experimental prejudicaria o sujeito experimental. Nessa técnica, algumas respostas são identificadas e medidas para serem utilizadas como linhas de base. Em seguida, o experimentador aplica a variável experimental em um desses comportamentos. Nesse ponto, em vez de reverter, como no delineamento de reversão, o experimentador aplica a variável experimental em outros comportamentos da linha de base. Caso mais comportamentos sejam afetados pela variável experimental, evidencia-se que esta produz mudança e é efetiva e prova-se que a alteração comportamental não é uma coincidência;

- (d) *Tecnológico*. Refere-se à descrição completa das técnicas que compõem uma aplicação. As técnicas devem ser identificadas e descritas para que exista possibilidade de replicação do estudo. Para verificar se a descrição do procedimento é tecnológica, pode-se perguntar a um leitor treinado se ele teria condições de replicar o mesmo procedimento, produzindo os mesmos resultados, apenas por meio da leitura da descrição da intervenção;
- (e) *Conceitual*. Além de uma descrição precisa do procedimento interventivo, é importante que este se relacione diretamente aos princípios comportamentais básicos. Uma descrição tecnológica e conceitual auxilia a leitura de um experimentador que queira replicar a intervenção;
- (f) *Efetividade*. Essa dimensão refere-se à avaliação de efeitos suficientemente significativos para que se obtenha valor prático (a avaliação deve ser feita por pessoas que lidam diretamente com a intervenção). Caso uma aplicação não obtenha valor prático na vida do indivíduo, considera-se que a intervenção falhou;
- (g) *Generalidade*. Refere-se à necessidade da ocorrência dos comportamentos estudados em momentos posteriores à intervenção, em outros ambientes ou ainda à extensão para outros comportamentos relevantes que não foram manipulados diretamente. Um trabalho aplicado é evidenciado pela melhora em comportamentos importantes; portanto, quanto maior a generalização, melhores são os resultados de uma intervenção. É importante ressaltar que a generalização deve ser planejada, e não simplesmente esperada.

No primeiro capítulo de um de seus livros mais importantes, *Ciência e Comportamento Humano*, Skinner (1953/2003), ao discutir sobre o mau uso de diversas ciências, pontua que nunca se obteve tanto conhecimento científico para ajudar a sociedade, mas que tais conhecimentos não eram bem utilizados. O autor buscou discutir as variáveis que impediam a utilização da tecnologia do comportamento para a resolução de problemas da sociedade daquela época para que fossem garantidas as chances de sobrevivência da espécie e da cultura (Bissoli, 2013).

A ciência e a tecnologia da Análise do Comportamento poderiam ser a solução para os problemas humanos (Holpert, 2004). Essa preocupação, inclusive, pode ser encontrada em toda a obra de Skinner (R. B. Barreira, 2014), com maior ênfase a partir da década de 1970 (Andery, 2011). Nessa mesma época, a aplicação da Análise do Comportamento a problemas sociais ganhava espaço com a criação do JABA, com a publicação do artigo de Baer et al. (1968) guiando as pesquisas aplicadas.

No entanto, segundo Andery (2011), foi a partir da década de 1960 que os analistas do comportamento se dedicaram à discussão de questões conceituais e metodológicas referentes às possibilidades de compreensão das estruturas sociais e avançaram nas intervenções do âmbito social. Essa fase teria, assim, impactado os analistas, reafirmando

a necessidade de se tomar a cultura e as relações e fenômenos sociais como legítimo problema de estudo na análise do comportamento e ofereceram explicitamente um caminho interpretativo para as difíceis questões do modelo de causalidade e da natureza dos fenômenos sociais humanos. (Andery, 2011, p. 206)

Em 1978, Skinner publicou *Reflections on Behaviorism and Society*, em que sugere a aplicação de princípios derivados da Análise Experimental do Comportamento como alternativa para a solução de problemas sociais (Holpert, 2004). Alguns anos

depois, Skinner publicou *Upon Further Reflection* (1987), relacionando algumas atitudes da sociedade moderna a patologias, como a depressão, e apontando que muitas das denominadas agências controladoras – caracterizadas pelo poder que determinados grupos organizados têm de controle social – tinham práticas em que havia predominância de reforçadores condicionados e incontinentes que resultariam em uma separação dos valores reforçador e prazeroso das consequências. Dessa forma, a Análise do Comportamento teria interesse em estudar fenômenos sociais/grupais, compreendidos como eventos de interesse científico que envolvem comportamentos de indivíduos e a interação de pessoas agindo em conjunto (Sampaio & Andery, 2010).

Na introdução do livro *Sobre o Behaviorismo*, Skinner (1974/2002) listou críticas direcionadas ao behaviorismo radical. Uma dessas críticas sustenta que o analista do comportamento se posiciona de forma antidemocrática, pois a relação entre experimentador e sujeito seria “manipuladora”. Nesse sentido, o analista do comportamento seria capaz de produzir resultados satisfatórios para os detentores do poder, e não para aqueles que efetivamente necessitam de auxílio. Tal crítica possivelmente se baseia em uma compreensão errônea de controle do comportamento humano (Fink, 2014). A palavra “controle” é utilizada no senso comum para descrever relações de dominação, opressão ou imposição, mas é um termo técnico utilizado por analistas do comportamento para descrever relações comportamentais, com outro significado (Hunziker, 2011). Analistas do comportamento voltam-se ao estudo do comportamento humano buscando identificar variáveis controladoras na manutenção de determinados comportamentos, mas “veem controle como um fato da natureza, a ser investigado e descrito. [O público, porém,] vê os analistas do comportamento como defensores do controle” (Sidman, 1989/2009, p. 45). Na verdade, a ciência

comportamental provê meios para analisar as estruturas, o sistema e as formas de controle social que produzem os problemas sociais (Holland, 1978).

Entretanto, apesar de tantos avanços, o potencial da Análise do Comportamento não seria de todo explorado por falha dos próprios analistas do comportamento em seguir a prática de Skinner de incluir análises culturais e sociais como componentes fundamentais do behaviorismo radical (Malagodi, 1986). Além disso, é possível que, por vezes, analistas do comportamento de fato direcionem suas intervenções a interesses hierárquicos, ou seja, atuem no interesse dos que detêm algum poder institucional ou político e esperam efeitos de intervenções realizadas diretamente no indivíduo, e não no ambiente que produz e mantém possíveis comportamentos-problema (R. C. A. Barreira, 2006).

Nesse sentido, Holland (1978) criticou a área, destacando que a maioria dos programas de modificação do comportamento de Análise do Comportamento Aplicada eram focados em arranjar contingências em ambiente especial para eliminar comportamentos-problema mesmo quando tais comportamentos-problema eram frutos de contingências sociais. Para Holland (1978), alguns analistas estariam preocupados, portanto, em “consertar” indivíduos, em vez de realizar intervenções nas contingências sociais que produziriam e manteriam os comportamentos-problema. O problema dessa forma de intervenção é que, por meio dela, pode ocorrer culpabilização de quem, na verdade, deveria ser a vítima. Holland (1978) conclui que o analista do comportamento preocupado em “consertar” indivíduos faz parte do problema, e não da solução.

A ambiguidade na atuação do psicólogo na comunidade – como parte do problema ou da solução – também é evidenciada por Botomé (1996). Segundo ele, o analista do comportamento é capaz de “explicitar os conflitos e os controles sociais e culturais que existem em relação às decisões profissionais” (p. 177), cabendo a esse

profissional discriminar o sentido de sua atuação. Ao escolher atuar junto à transformação da estrutura social vigente, favorecendo um ambiente saudável e justo, o analista do comportamento torna-se parte da solução, mas quando se omite de explicitar controles sociais e culturais ou atua de forma a favorecer os detentores do poder, torna-se parte do problema.

Uma revisão do JABA realizada por Winnet e Winkler (1972) investigou os tipos de comportamentos-alvo trabalhados em classes de ensino infantil não especial. Foi observado que os comportamentos intitulados como “inadequados” eram, muitas vezes, aqueles que interferiam na ordem da sala de aula. Os autores concluíram que os análises do comportamento têm sido instrumentos de manutenção do *status quo*, mantendo “a lei e a ordem”, pois os procedimentos tendem, de fato, a funcionar de maneira a tornar o sistema mais efetivo para os detentores do poder.

Problemas sociais, do mesmo modo que qualquer comportamento, referem-se à relação entre as pessoas e seu ambiente. Como citado anteriormente, a pesquisa aplicada deve voltar-se a comportamentos socialmente relevantes. No entanto, ao que se refere e como pode ser medido o termo *socialmente relevante* a partir dos métodos da Análise do Comportamento?

Em uma ciência que historicamente se apresenta como ciência natural, ou seja, que utiliza medidas objetivas para os eventos naturais estudados, algo ser socialmente relevante esbarra em critérios subjetivos, permitindo questionamentos dos profissionais da área, conforme já indicava Wolf (1978). Analistas do comportamento devem desenvolver formas de interagir com os participantes de uma determinada intervenção para investigar se o problema escolhido é realmente relevante e, se aspiram a atingir comportamentos socialmente relevantes, devem permitir que esses participantes opinem sobre como a intervenção se aplica à realidade em que vivem (identificando seus valores

e reforçadores disponíveis) e permitir que promovam *feedbacks*. Segundo Wolf (1978), a aplicação da Análise do Comportamento em comportamentos socialmente relevantes deve envolver meios para validar a intervenção em três níveis: a relevância dos objetivos, a adequação dos procedimentos à realidade do grupo e os impactos da intervenção. A fim de que as práticas sejam consideradas socialmente relevantes, o pesquisador deve, portanto, nortear a pesquisa a partir das seguintes perguntas:

- (a) *Os objetivos estabelecidos são objetivos que a sociedade pretende atingir?*¹ Essa pergunta relaciona-se à necessidade da participação dos sujeitos da intervenção na formulação do problema de pesquisa;
- (b) *Os procedimentos para atingir os objetivos são considerados aceitos pela sociedade?* Essa pergunta busca explicitar a necessidade de construir intervenções junto ao público-alvo, de forma que os recursos para a aplicação e manutenção da intervenção sejam encontrados na comunidade;
- (c) *A sociedade ficou satisfeita com os resultados?* Essa pergunta garante que, a partir das intervenções realizadas com a população beneficiada, esta possa avaliar os ganhos obtidos por meio da intervenção.

¹ As perguntas foram propostas por Wolf (1978) e traduzidas livremente pela autora desta dissertação.

Psicologia Comunitária Social e Comportamental

Nesta seção, serão apresentados modelos de intervenção comunitárias oriundos da Análise do Comportamento e da psicologia social. É importante ressaltar que ambas as áreas têm o contexto comunitário como objeto de estudo, buscando conhecê-lo, identificar seus problemas e intervir a fim de beneficiar determinado grupo. No entanto, a construção teórica que delimita os campos de atuação comunitários e a prática se apresenta de formas diferentes.

O conceito de *comunidade* não é próprio da psicologia e surge nos primórdios da Revolução Francesa como um termo hostilizado pelos pensadores iluministas da época, que o compreendiam em alusão às estruturas feudais. Ao ser introduzido na psicologia social, ganhou nova roupagem, pois passou a compor possibilidades de transformação social e a designar “compromisso com o povo” (Sawaia, 1996, p. 34). Foi somente a partir dos anos 1970 que um ramo da psicologia se autoqualificou como *psicologia comunitária* e “como ciência comprometida com a realidade estudada, especialmente com os excluídos da cidadania” (Sawaia, 1996, p. 35). Dessa forma, a comunidade, na psicologia comunitária, pode ser considerada uma instância de construção coletiva daqueles que são excluídos da cidadania, e uma intervenção comunitária deve garantir que seus membros tenham asseguradas participação e expressão de suas posições (Rocha, 2012).

Em uma perspectiva proveniente da psicologia social, a psicologia comunitária, no Brasil, desenvolve-se no contexto sociopolítico pós-golpe de 1964, quando um governo ditatorial militar se havia apoderado do Estado democrático em vigência. Esse momento político foi permeado por muitas discussões no meio acadêmico da psicologia, e os profissionais passaram a questionar suas práticas frente aos modelos de psicologia já existentes. Além disso, foi um momento caracterizado por movimentos em que os

profissionais passaram a considerar intervenções preventivas frente à população pobre, oprimida e desatendida pelo Estado (Lane, 2007).

Posto isso, o contexto em que surge a psicologia comunitária foi de insatisfação com as teorias e práticas vigentes na psicologia, e os trabalhos que surgiram tinham como objetivo superar problemas sociais por meio de práticas que fortalecessem a comunidade (Castro & Lacerda, 2014). Esses trabalhos enfatizavam “o desenvolvimento de práticas sociais nas comunidades enfatizando a saúde coletiva, a noção de grupo, a delimitação das intervenções e a importância do diálogo e da atuação do psicólogo na condição de facilitador das práticas sociais” (Azevêdo & Pardo, 2014).

A partir das transformações políticas e econômicas, foram colocadas em destaque questões relativas à atuação e formação de diversas áreas, deslocando muitos profissionais, que estabeleceram, então, contato com as populações menos privilegiadas. Na sociedade brasileira, essa mobilização foi observada em diferentes setores, abrangendo diferentes problemáticas, necessidades e interesses sociais nas décadas de 1970 e 1980 (Freitas, 1988).

Dessa forma, o termo *psicologia comunitária*, que surge nos Estados Unidos e em países da América Latina em momentos de mudanças sociopolíticas, refere-se à atuação de profissionais da psicologia em comunidades carentes. A maioria dos trabalhos dessa época, apesar de bem-intencionada, tinha foco assistencialista, e a prática, a princípio, voltou-se principalmente à prevenção da saúde mental e à promoção de educação popular (Lane, 2007). As áreas de atuação da psicologia comunitária compunham quaisquer perspectivas fora dos consultórios e de instituições, caracterizadas por intervenções com comunidades marginalizadas pela sociedade. (Sawaia, 1996).

Freitas (1988) conduziu uma investigação com psicólogos que, de alguma forma, tivessem intervindo junto a populações desprivilegiadas sobre suas concepções ligadas à

atuação na comunidade. Foram realizadas e gravadas entrevistas com 14 psicólogos, guiadas por um roteiro elaborado previamente, cuja sequência dependia do entrevistado.

O roteiro buscava

abarcando questões relativas à história acadêmica e profissional; às razões para a inserção e para o desenvolvimento de trabalhos em comunidade; à avaliação do próprio trabalho e de outros trabalhos que tivesse conhecimento; à metodologia empregada para o desenvolvimento de suas atividades; à apreciação sobre o papel da pesquisa e do pesquisador junto aos trabalhos em comunidade; à formação considerada necessária para o desenvolvimento de trabalhos em comunidade; aos problemas enfrentados pelo profissional e pela população, assim como às características da população com a qual trabalhava. (Freitas, 1988, p. 238)

Com a finalidade de caracterizar o psicólogo que trabalhava na comunidade, após análise das gravações, a autora primeiramente investigou quatro pontos que compunham características de formação: (a) os motivos responsáveis pelo ingresso naquela área; (b) a importância atribuída ao desenvolvimento do trabalho; (c) os objetivos que regulavam o desenvolvimento do trabalho; e (d) as condições necessárias para desenvolver trabalhos na área. Após a investigação, os psicólogos foram divididos em três grupos: Orientação Psicológica, Psicológico Social e Orientação Social.

O Grupo Orientação Psicológica era composto por profissionais que voltavam a atuação a atendimentos individualizados, com caráter clínico, a fim de diagnosticar problemáticas dos indivíduos assistidos, com o objetivo de indicar possibilidades de tratamento. O Grupo Psicológico Social tinha como característica de seus profissionais enfoque nos problemas da comunidade, não apenas sob a ótica psicológica, mas considerando os aspectos sociais e seus determinantes. Por fim, o terceiro grupo, Orientação Social, era composto por profissionais para quem “as questões de

organização, mobilização e reivindicação da população em torno de seus problemas são enfatizadas” (Freitas, 1988, p. 241).

Observa-se que, apesar da importância do desenvolvimento de intervenções de caráter clínico em determinadas populações, somente os dois últimos grupos correspondem às propostas de intervenção comunitária supracitadas. Esses dois grupos, Psicológico Social e Orientação Social, parecem fornecer dados sobre a realidade comunitária para que futuras intervenções ocorram de acordo com interesses comunitários.

Para Levine, Perkins e Perkins (2005), a psicologia comunitária representa uma nova forma de compreensão dos comportamentos e bem-estar das pessoas no contexto comunitário e social em que vivem. É um campo que se vem desenvolvendo e definindo desde os anos 1970. Psicólogos comunitários enfatizam, simultaneamente, o serviço aplicado à comunidade e a teoria baseada em pesquisas. Além disso, focam-se não apenas na análise individual, mas também em outros níveis, a fim de desenvolver trabalhos com a comunidade. Por fim, também atuam em diferentes áreas.

Por sua vez, a área intitulada psicologia *comportamental* comunitária não tem clareza teórica que indique um modelo de atuação comunitária e consenso na definição. No entanto, apesar de não haver extensa produção na área, a Análise do Comportamento tem trabalhos voltados a questões sociais e problemas comunitários (Castro & Lacerda, 2014).

A área, assim como a oriunda da psicologia social, também surgiu como uma vertente desenvolvida nos anos 1970 (Castro & Lacerda, 2014). Para Fawcett (1991a), o contato com as vítimas de maus tratos, negligência e injustiça, ou seja, aqueles que se encontravam marginalizados, impulsionou analistas do comportamento a compreender e procurar modificar as condições que criavam e sustentavam esses problemas sociais.

Apesar de não haver consenso prático e teórico na área, Briscoe et al. (1975) definem e ampliam o escopo de atuação da psicologia comportamental comunitária: “o termo psicologia comportamental comunitária parece ser apropriado para denotar aplicações a problemas socialmente significativos em *settings* comunitários e nas quais o comportamento não é abordado de maneira tradicional” (p. 157).

Para O’Donnell e Tharp (1982), uma das características definidoras da psicologia comportamental comunitária surge a partir da diferenciação entre abordagem comunitária e abordagem individual. Na abordagem comunitária, o foco da intervenção é no ambiente que produz o problema, enquanto, na abordagem individual, o foco é na modificação do comportamento do sujeito. Essa definição resulta nas seguintes implicações:

- (a) As intervenções devem ocorrer em *settings* naturais, e não em contextos “clínicos”, ou seja, locais que servem especificamente para cuidar de pessoas com problemas;
- (b) As intervenções são mediadas por aqueles que usualmente participam do *setting*.

Para trabalhar no *setting* natural, é necessário um conhecimento multidisciplinar, a fim de que sejam acessadas as possíveis variáveis que tenham influência no comportamento-problema. O entendimento desses *settings* pode ser complementado a partir de métodos e conceitos de outras disciplinas, pois, dessa forma, conexões podem ser feitas com os métodos comportamentais e podem potencializar a intervenção comunitária. Tal integração entre áreas, aliás, não apenas é possível, como é crucial para o avanço da área (O’Donnell & Tharp, 1982).

É também importante ressaltar que há limitações na abordagem comunitária, as quais, somadas à complexidade do ambiente natural, tornam necessária a utilização de

ideias e métodos desenvolvidos em outras disciplinas. Sugere-se que os analistas do comportamento considerem métodos e conceitos de suas disciplinas-irmãs, como as ciências sociais, que têm experiência no estudo e conceituação de *settings* naturais. Esse diálogo entre ciências pode auxiliar na compreensão do desenvolvimento de problemas comportamentais, propor novas estratégias de intervenção e prevenção e descobrir como determinados comportamentos são mantidos em seu ambiente (Bellack, Hersen, & Kazdin, 1982).

O JABA publicou uma edição especial voltada a intervenções comunitárias (Greene et al., 1987).² Entretanto, diferentemente de muitas áreas de aplicação da Análise do Comportamento, em que há delimitações do escopo de atuação até mesmo por leis externas à Análise do Comportamento (e.g., saúde mental e educação), os parâmetros para a definição de intervenções comunitárias não são facilmente definidos. Logo no prefácio, os autores descreveram a dificuldade para a seleção de artigos e apontaram a etimologia da palavra *comunidade*, encontrando algumas características provedoras de indicadores para a seleção. Segundo os autores, *comunidade* refere-se à qualidade de serem mantidos em comum: “O que mais a sociedade mantém em comum, senão o comportamento e as consequências para seus membros?” (Greene et al., 1987, p. 4). Sendo assim, a seleção de artigos, com algumas exceções, considerou *setting*, sujeitos e comportamentos-problema em comum para os membros de determinada comunidade.

² Greene, B. F., Winett, R. A., van Houten, R., Geller, E. S., & Iwata, B. A. (Eds.). (1987). *Behavior analysis in the community, 1968–1986, from the Journal of Applied Behavior Analysis* (Vol. 2, Reprint Series). Lawrence, KS: Society for the Experimental Analysis of Behavior.

Os artigos selecionados foram, então, divididos em campos de atuação, a fim de que fossem representados a diversidade e desenvolvimento das aplicações em cada área.

A categorização seguiu-se da seguinte forma:

- (a) Geral e questões conceituais;
- (b) Prevenção ao crime e intervenção;
- (c) Meio ambiente;
- (d) Cuidados com a saúde;
- (e) Promoção de comportamento pró-social na comunidade;
- (f) Promoção de segurança (*promoting safety*);
- (g) Avaliação de programas sociais e governamentais;
- (h) Questões relacionadas ao cidadão e ao consumidor.

Observa-se, assim, que a aplicação da Análise do Comportamento a questões sociais tem progredido metodologicamente. No entanto, para que os analistas do comportamento possam melhor acessar problemas comunitários, seria necessário levar em consideração alguns valores, segundo Fawcett (1991b). O autor levanta questões que podem auxiliar na avaliação das intervenções e refletem os desafios nas relações com os participantes, na determinação dos objetivos e na metodologia a ser aplicada, no planejamento e disseminação das intervenções, na comunicação dos achados de pesquisa e em advogar mudança comunitária. Os valores abrangem, simultaneamente, considerações metodológicas importantes e interesses comunitários, como se descreve a seguir.

- (a) *Os pesquisadores devem formar relações colaborativas com seus participantes.* Os pesquisadores devem intervir no contexto dos participantes, e os participantes devem exercer controle sobre a pesquisa

que os afetará, ou seja, devem participar da pesquisa de forma a auxiliar na definição dos objetivos de intervenção;

- (b) *A pesquisa deve prover informações sobre a variedade de relações comportamentais-ambientais de importância para a comunidade. Os pesquisadores devem contribuir com conhecimento e entendimento acerca dos eventos que ocorrem naturalmente no contexto comunitário. Além disso, a pesquisa deve contribuir na identificação de pontos fortes e deficitários para que se atinjam os objetivos;*
- (c) *A pesquisa experimental deve prover informações dos efeitos dos eventos ambientais sobre os comportamentos. Os efeitos devem ser replicáveis, duráveis e generalizáveis. A comunidade pode auxiliar na identificação dos objetivos, procedimentos e nos efeitos que são importantes e aceitáveis;*
- (d) *O setting, participantes e medidas de pesquisa escolhidos devem ser apropriados à comunidade que será investigada. As medidas utilizadas devem ser empregadas no contexto natural, ou seja, no contexto em que os clientes vivenciam os problemas. Além disso, deve-se identificar se os participantes selecionados são aqueles que contribuem para a manutenção do problema;*
- (e) *A metodologia deve ser replicável, e as medidas devem capturar a dinâmica ou natureza transicional das relações comportamentais-ambientais envolvidas, de forma que os resultados obtidos explicitem “a história completa, incluindo o papel dos participantes na mudança de seus ambientes” (Fawcett, 1991b, p. 633);*

- (f) *Intervenções comunitárias devem ser replicáveis e sustentáveis com os recursos locais.* A ação comunitária deve produzir o máximo de impacto possível, ou seja, os resultados devem contemplar as mudanças previstas previamente de forma a otimizar a vida comunitária;
- (g) *Pesquisadores devem desenvolver a capacidade de disseminar intervenções efetivas e prover suporte para agentes modificadores,* pois, dessa forma, as mudanças obtidas podem ser mantidas. Caso necessário, podem ser feitas adaptações, a fim de que os agentes modificadores locais mantenham os ganhos obtidos;
- (h) *Os resultados obtidos devem ser comunicados aos clientes e àqueles com poder para tomada de decisões comunitárias de forma acessível, para que tenham acesso aos ganhos obtidos.* Os resultados também devem ser divulgados à comunidade científica, mas, anteriormente, devem passar por acordo entre observadores. Em caso de concordância, devem ser divulgados. A pesquisa comunitária deve contribuir para mudança, assim como seu entendimento, ou seja, os clientes devem ficar cientes dos eventos ambientais que afetam seus comportamentos. Além disso, a pesquisa comunitária deve contribuir para a prevenção de problemas e empoderar aqueles marginalizados pela sociedade.

Proposta de Definição

Ambas as derivações da psicologia comunitária – psicologia social e psicologia comportamental – estabeleceram-se no mesmo período e caracterizam-se como ciências comprometidas com a transformação da realidade de grupos desfavorecidos socialmente. Além disso, ambas consideram que o trabalho comunitário deve ser realizado fora dos contextos clínicos, em *settings* considerados naturais.

Entretanto, a psicologia comportamental comunitária, como apontam Briscoe et al. (1975), ampliou o escopo de atuação ao considerar problemas socialmente significativos, o que implica não necessariamente trabalhar com a população carente, mas com demandas sociais que surjam em *settings* considerados comunitários. A perspectiva comportamental comunitária também explicita que, na intervenção, os *settings*, sujeitos e comportamentos-problema devem ser em comum para os membros de determinada comunidade, ainda que a literatura aponte falta de consenso na definição da psicologia comportamental comunitária. A Tabela 1 traz as descrições utilizadas por autores da psicologia comportamental comunitária e da psicologia comunitária. Em seguida, segue-se uma proposta de definição elaborada por esta autora.

Tabela 1

Diferentes Definições sobre Intervenções Comunitárias

Autor/Ano	Definição proposta
Briscoe et al., 1975	“O termo psicologia comportamental comunitária parece ser apropriado para denotar aplicações a problemas socialmente significativos em <i>settings</i> comunitários não estruturados e nas quais o comportamento não é abordado de maneira tradicional” (p. 157).
Goodstein & Sandler, 1978	A falta de consenso na caracterização da área tem sido apontada como um problema. Uma das características definidoras ocorre a partir da diferenciação entre abordagem comunitária e abordagem individual. A pesquisa deve: (a) ocorrer em <i>settings</i> naturais; (b) obter conhecimento multidisciplinar para que sejam acessadas possíveis variáveis que afetam o comportamento-problema; e (c) mediação por quem é participante da pesquisa.
O'Donnell & Tharp, 1982	Há pouco consenso na área sobre a definição do que seria uma orientação comunitária e como esta se diferiria de uma orientação individual.
Greene et al., 1987	Busca na etimologia da palavra <i>comunidade</i> para características definidoras. Se <i>comunidade</i> se refere a “quality of being held in common”, o que mais a sociedade mantém em comum, senão o comportamento e as consequências de seus membros? (p. 4)
Fawcett, 1991b	Uma pesquisa em psicologia comportamental comunitária deve estabelecer relações colaborativas com os sujeitos de pesquisas para desenvolver e disseminar intervenções, comunicar achados de pesquisa e advogar para mudança comunitária
Northup, Vollmer, & Serrett, 1993	Trabalhos que não se enquadram nas outras subcategorias de <i>setting</i> (escola, residências terapêuticas, <i>settings</i> análogos e médicos), como, por exemplo, lojas, restaurantes, vizinhança, etc.
Sawaia, 1996	A psicologia comunitária é uma “ciência comprometida com a realidade estudada, especialmente com os excluídos da cidadania” (p. 35)
Levine, Perkins e Perkins, 2005	A psicologia comunitária representa uma nova forma de compreensão dos comportamentos e bem-estar das pessoas no contexto comunitário e social em que vivem. É um campo que se vem desenvolvendo e se definindo. Psicólogos comunitários enfatizam simultaneamente o serviço aplicado à comunidade e a teoria baseada em pesquisas. Além disso, focam-se não apenas na análise individual, mas em diferentes níveis de análise para desenvolver trabalhos com a comunidade.
Rocha, 2012	A comunidade na psicologia comunitária pode ser considerada uma instância de construção coletiva, de forma que seus membros sejam assegurados de participação e expressão
Castro & Lacerda, 2014	A psicologia comportamental comunitária surge como uma vertente formalmente definida nos anos 1970. A psicologia comportamental comunitária envolve práticas que fortalecem a comunidade.
Silva, 2016	Considera-se como <i>setting</i> comunitário ambientes públicos, tais como cidade, lojas, restaurantes, ruas, bairro e outros

Os dados apontam para as seguintes implicações:

- (a) O trabalho em psicologia comportamental comunitária difere-se do trabalho individual;
- (b) O trabalho em psicologia comportamental comunitária aplica-se a problemas socialmente relevantes, o que, segundo Wolf (1978), implica avaliar uma demanda provinda da sociedade;
- (c) O *setting* de intervenção deve ser natural;
- (d) Necessidade de conhecimento interdisciplinar, por envolver componentes além do escopo de atuação comum do analista do comportamento;
- (e) As consequências da intervenção devem ser as mesmas/em comum para os membros do grupo;
- (f) Após a intervenção, o trabalho deve sustentar-se com os recursos locais.

Agrupando essas informações, pode-se dizer que a psicologia comportamental comunitária se caracteriza pela Análise do Comportamento aplicada a problemas sociais em *settings* naturais, com a participação popular, de forma que a população estudada participe da concepção da intervenção e que a intervenção se sustente com recursos locais. Além disso, é de extrema importância que as consequências das intervenções sejam em comum para todos os membros de determinada comunidade.

Análise de Trabalhos Aplicados

Avaliar consiste em conhecer, situar e estabelecer uma posição do que tem sido realizado em uma área (Mejias, 1991). Dessa forma, analistas do comportamento têm investigado a prática e auxiliado a comunidade a posicionar-se diante do que tem sido realizado e a traçar novas possibilidades de atuação. Nesta seção, serão descritos trabalhos que analisaram a produção de conhecimento da ciência comportamental voltado às questões sociais.

Alguns autores – por exemplo, Schwartz e Lacey (1982) – colocaram suas preocupações na ênfase das aplicações comportamentais em dificuldades do desenvolvimento (*developmental disabilities*). Outros sugeriram que analistas do comportamento deviam focar-se mais em outras áreas de importância social (Geller, 1990; Hopkins, 1987). Finalmente, um terceiro grupo enfatizou a importância de estudos repetidos para refinamento de áreas específicas de pesquisa (Baer, 1987).

Northup, Vollmer e Serrett (1993) revisaram e classificaram todos os artigos publicados em um período de 25 anos (1968-1992) no JABA. Os autores classificaram os artigos em: (a) tipo de artigo; (b) sujeitos; (c) *setting*; (d) agente modificador do comportamento; (e) comportamento-alvo; (f) uso de princípios básicos; e (g) procedimentos diversos (*miscellaneous procedures*). Múltiplas subcategorias foram incluídas em cada uma dessas categorias (ao todo, foram utilizadas 67 subcategorias). Ao definirem o propósito da revisão, os autores destacaram que um estudo desse tipo (*data-based review*), que avalia onde a Análise do Comportamento Aplicada está, pode prover importantes direcionamentos futuros, como, por exemplo, novas e promissoras áreas de aplicação que não têm sido exploradas.

Os resultados indicaram um aumento na porcentagem de publicação de estudos com participantes e comportamentos-alvo que tratavam de dificuldades do desenvolvimento (principalmente, entre os anos de 1988 e 1992) e uma queda na porcentagem de estudos focados em comportamento acadêmico, comportamento verbal e outros excessos comportamentais infantis. O *setting* mais frequente era a escola, mas havia tendência em trabalhos comunitários e outros ambientes naturais, enquanto estudos em laboratórios com análogos experimentais eram cada vez menos frequentes. É importante ressaltar que, nessa revisão, foram considerados trabalhos comunitários aqueles que não se enquadrassem nas outras subcategorias de *setting* (escola, residências

terapêuticas, *settings* análogos e médicos), como, por exemplo, lojas, restaurantes, vizinhança, etc.

Hayes, Rincover e Solnick (1980), por meio da leitura de todos os artigos publicados nas edições dos Volumes 1-6 e das duas primeiras edições dos Volumes 7-10, avaliaram se as pesquisas publicadas no JABA em seus primeiros 10 anos estavam de acordo com as dimensões de Baer et al. (1968). Os autores utilizaram quatro das sete dimensões – aplicada, analítica, generalidade e conceitual – propostas por Baer et al. (1968) para categorizar os artigos e verificaram que os estudos utilizavam controle experimentais mais simples, com menos interesse em questões conceituais. Além disso, apesar de um aumento na preocupação em relação à manutenção, outras formas de generalização ou de medida/análise tornaram-se menos frequentes.

Silva (2016) atualizou o estudo de Northup et al. (1993) por meio da identificação e análise das tendências nas publicações do JABA no período de 22 anos (compreendidos entre 1993 e a primavera de 2015). A pesquisa identificou: (a) tipo de artigo; (b) participantes; (c) ambiente; (d) os agentes de mudança comportamental; (e) comportamentos-alvo; (f) procedimentos comportamentais utilizados com maior frequência; e (g) medidas de generalização e *follow-up*, além do tipo de artigo com maior número de publicações. A amostra foi composta por 314 publicações, e os resultados indicaram como agente principal de mudança comportamental o próprio experimentador. Além disso, a maioria das pesquisas desenvolveu intervenções voltadas a transtornos do desenvolvimento. Diferentemente dos resultados encontrados por Northup et al. (1993), os *settings* de intervenção com maior número de trabalhos foram os análogos, isto é, ambientes arranjados experimentalmente para os propósitos da pesquisa, enquanto, ao mesmo tempo, houve decréscimo nas intervenções em *settings* escolares. Além disso, cabe ressaltar, as publicações referidas no *setting* comunitário – ambientes públicos, tais

como cidade, lojas, restaurantes, ruas, bairro, etc. – aumentaram progressivamente ao longo dos anos.

Os trabalhos supracitados referem-se a avaliações de Análise do Comportamento Aplicada. Otero (1999) realizou uma caracterização e avaliação da psicologia comportamental comunitária por meio da leitura de títulos, resumos e palavras-chave de todos os artigos publicados de 1991 até o primeiro número do ano de 1999 do JABA. Caso a leitura desses pontos não fosse suficiente para inclusão ou exclusão do artigo, buscaram-se, no texto, informações sobre sujeitos e *settings*. Os artigos foram incluídos a partir dos temas – (a) promoção de saúde; (b) cuidados com a saúde; (c) avaliação de programas sociais e governamentais; (d) assuntos do cidadão e do consumidor; (e) promoção de comportamento pró-social na comunidade; (f) prevenção e atuação sobre o crime; (g) segurança e violência; (h) trânsito e segurança ao dirigir; (i) abuso de drogas; e (j) ecologia e manutenção do meio ambiente – e do número de sujeitos e *setting* de intervenção. Para a autora, “intervenções mais amplas e que envolvem integrantes de um *setting* como um todo são de interesse da Psicologia Comportamental Comunitária” (Otero, 1999, p. 32).

Otero (1999), além de categorizar os 60 artigos selecionados em temas e subtemas, sujeitos, *setting* e localidade, avaliou os artigos a partir das dimensões propostas por Baer et al. (1968) e das especificidades para pesquisa aplicada à comunidade propostas por Fawcett (1991b). Os resultados indicaram que o analista do comportamento se tem aproximado da comunidade ao investigar *settings* naturais e tem-se vinculado a diferentes instituições, denotando ampliação das áreas de interesse. O ato de pesquisar, porém, ainda parecia estar sob controle das consequências ligadas à academia, pois o investigador não se tinha aproximado da realidade da comunidade, afastando-se dos valores norteadores de Fawcett (1991b) para a pesquisa comunitária,

que indicam a importância de estabelecer objetivos ligados às necessidades da comunidade: as contingências que produziam os comportamentos-alvo não foram analisadas nos artigos, e as intervenções davam-se por manipulação de variáveis imediatas. Os dados encontrados indicaram que a psicologia comportamental comunitária tem respondido às dimensões propostas por Baer et al. (1968), com exceção do critério sobre sistematização conceitual. Em compensação, pode-se considerar que área tem sido aplicada, ou seja, tem respondido a problemas socialmente relevantes, com a ressalva de que as intervenções não têm sido realizadas por meio da demanda da população investigada. Para a autora, “dessa forma, verifica-se uma aplicabilidade restrita no que diz respeito à melhora das condições em que esta população está inserida” (Otero, 1999, p. 74).

Justificativa e Problema de Pesquisa

Retomando a afirmação de Meijas (1991), avaliar consiste em conhecer, situar e estabelecer uma posição do que tem sido realizado em uma área. Ademais, por meio dos dados obtidos em pesquisas anteriores, podem ser realizados trabalhos sobre um mesmo tema, permitindo o encontro de dados adicionais e atualização da área. Assim, pesquisas replicadas, de modo direto ou sistemático, contribuem para evidenciar e fortalecer uma determinada área de pesquisa (Silva, 2016).

Esta pesquisa é uma revisão analítica, a partir de uma replicação sistemática, e teve como objetivo caracterizar o que tem sido abordado na área da psicologia comportamental comunitária. Para isso, deu continuidade ao trabalho realizado por Otero (1999) – descrito a partir da p. 25 desta dissertação –, que havia realizado caracterização e avaliação da psicologia comportamental comunitária por meio de artigos publicados no JABA entre os anos de 1991 e 1999. Dessa maneira, a presente pesquisa buscou delinear novas tendências da área dos últimos 18 anos no JABA, com o objetivo de responder às seguintes questões:

- (a) Quais são as características da psicologia comportamental comunitária?
- (b) Como seria um instrumento avaliativo para pesquisas na área?
- (c) Os artigos selecionados podem ser considerados aplicados e comunitários?

Espera-se auxiliar na identificação de direções futuras da área e dar pistas para avaliação, promoção e remodelação dessas direções, de maneira que o analista do comportamento possa contribuir com a premissa citada anteriormente, de que a Análise do Comportamento surge não apenas como uma iniciativa técnica e científica, mas também como uma promessa de reforma social, contribuindo para a justiça social.

Método

Material

Os artigos analisados foram retirados do *Journal of Applied Behavior Analysis* (JABA), um periódico de Análise do Comportamento dedicado à aplicação dos princípios e tecnologias comportamentais aos problemas de relevância social (Silva, 2016). Atualmente, são publicados quatro volumes anuais, com cerca de 15 artigos por volume. O periódico foi selecionado tanto para dar continuidade ao trabalho de Otero (1999) quanto por conta de sua relevância em publicações de Análise do Comportamento aplicada a problemas de relevância social.

Publicações referentes à Análise do Comportamento aplicada a comunidades podem ser encontradas em todos os volumes, mas cabe ressaltar que o periódico publicou um número especialmente dedicado a essa temática (Greene et al., 1987), que abrange trabalhos específicos da psicologia comportamental comunitária.

Procedimento

Fase 1. Busca do material por meio de critérios de exclusão. A busca pelos artigos foi realizada por meio do acesso à plataforma na qual o periódico encontra-se hospedado (<https://onlinelibrary.wiley.com>). Foram analisados os artigos a partir do segundo número de 1999 até o primeiro número de 2018, em continuação ao trabalho realizado por Otero (1999). Inicialmente, foram lidos todos os títulos, resumos e palavras-chave dos volumes selecionados.

Conforme o levantamento realizado por Silva (2016), citado anteriormente, a maioria das pesquisas havia desenvolvido intervenções voltadas a transtornos do desenvolvimento e, diferentemente dos resultados encontrados por Northup et al. (1993), os *settings* de intervenção com maior número de trabalhos haviam sido os *settings* análogos, isto é, ambientes arranjados experimentalmente para os propósitos da pesquisa.

Dessa forma, o primeiro critério para seleção de artigos para coleta desta pesquisa ocorreu por meio de critérios de exclusão: artigos que se relacionassem a transtornos do desenvolvimento e a *settings* análogos, acadêmicos e clínicos foram excluídos.

Caso a leitura do resumo, título e/ou palavras-chave não fosse suficiente para inclusão ou exclusão do artigo, foi lida a metodologia para levantamento de outros dados, como, por exemplo: número de sujeitos; comportamento-alvo; e informações sobre o ambiente de intervenção proposto no artigo. Tendo em vista a falta de consenso na definição da psicologia comportamental comunitária, esse procedimento de coleta garantiu que nenhuma publicação fosse negligenciada, por exemplo, pela busca simples por palavras-chave. Além disso, a estratégia pôde ampliar os temas já preestabelecidos pela psicologia comportamental comunitária (Greene et al., 1987; Otero, 1999).

Seguindo tais critérios de exclusão, foram selecionados 51 artigos identificados por título e volume da publicação e organizados em uma tabela no *software* Microsoft Excel 2013®.

Fase 2. Leitura dos artigos selecionados aplicando critérios de inclusão codependentes. Para garantir que os artigos selecionados se enquadrassem na psicologia comportamental comunitária, foram estabelecidos dois critérios – descritos a seguir – de inclusão na pesquisa. Tais critérios foram codependentes, ou seja, a coleta baseou-se simultaneamente em ambos, sem que houvesse ordem hierárquica entre eles.

Critério 1. Tema. A seleção ocorreu a partir do tema com o qual o artigo trabalhou. Inicialmente, foram tomados como base os temas selecionados pelo JABA (Greene et al., 1987) e os definidos por Otero (1999). Os temas de interesse da psicologia comportamental comunitária são aqueles relacionados a questões que afetam a sociedade, alterando sua qualidade de vida.

Com o intuito de abarcar novos temas que possam ter sido pesquisados após os resultados de Otero (1999), o presente trabalho realizou leitura cuidadosa de todos os títulos, resumos e palavras-chave dos artigos do segundo volume de 1999 até o primeiro volume de 2018. Com base nos temas já estabelecidos pela área e após a coleta de dados do presente trabalho, os seguintes temas que se enquadravam na psicologia comportamental comunitária foram utilizados como critério de inclusão nesta pesquisa: (a) promoção de saúde; (b) cuidados com a saúde; (c) avaliação de programas sociais e governamentais; (d) assuntos do cidadão e do consumidor; (e) promoção de comportamento pró-social na comunidade; (f) prevenção e atuação sobre o crime; (g) segurança e violência; (h) trânsito e segurança ao dirigir; (i) abuso de drogas; e (j) ecologia e manutenção do meio ambiente.

Critério 2. Características definidoras da psicologia comportamental comunitária (Greene et al., 1987). Ao selecionarem artigos para a edição especial do JABA citada anteriormente (ver p. 16 desta dissertação), Greene et al. (1987) referiram-se ao termo *comunidade* como grupo que se caracterizava por manter relações em comum. Portanto, a seleção de artigos considerou que o *setting*, os sujeitos e comportamentos-alvo deviam ser em comum para os membros de determinada comunidade.

Fase 3. Procedimento de análise dos dados. Caracterização dos artigos. Após a seleção, todos os artigos foram lidos integralmente e, a partir dessa leitura, foram caracterizados e organizados em uma planilha do Microsoft Excel 2013®, contendo as seguintes informações:

- (a) Autor: nome completo do(s) autor(es) do trabalho;
- (b) Título: título completo do trabalho;
- (c) Localidade: nome completo da instituição referida no trabalho;

- (d) Ano: ano apresentado no trabalho;
- (e) Temas;
- (f) Número de sujeitos;
- (g) *Settings*;
- (h) Variável independente (VI) e Variável Dependente (VD).

Os dados foram tabulados em ordem cronológica de publicação e produziram um banco de dados que permitiu caracterizar a área a partir de:

- (1) *Número de artigos por ano*: frequência das publicações ao longo dos anos;
- (2) *Autores*: número de autores dedicados à área e quantidade de publicações desses autores ao longo do período investigado;
- (3) *Filiação dos autores*: número de filiações acadêmicas e não acadêmicas dos autores;
 - (3.1) *Acadêmicas*: universidades, faculdades, escolas;
 - (3.2) *Não acadêmicas*: centros de pesquisa, hospitais, centros de atendimento a pessoas com necessidades – atrelados ou não a instituições acadêmicas.
- (4) *Temas*: refere-se ao campo de estudo central dos trabalhos desenvolvidos ao longo dos anos;
- (5) *Participantes*: divididos a partir da amplitude de intervenção.
 - (5.1) 0-10 sujeitos;
 - (5.2) 11-30 sujeitos;
 - (5.3) 31-50 sujeitos;
 - (5.4) 50 ou mais sujeitos.
- (6) *Local da intervenção*: foram utilizadas as descrições de locais encontradas no artigo;

(7) *Comportamento-alvo*: a variável dependente (VD) à qual as manipulações foram aplicadas;

(8) *Variável independente (VI)*: quais as variáveis de intervenção das manipulações realizadas nos artigos.

Construção do instrumento avaliativo. Para elaborar um instrumento avaliativo, foram considerados trabalhos anteriores que se propuseram a avaliar a área aplicada (R. B. Barreira, 2014; Malavazzi et al., 2011; Otero, 1999). Esses trabalhos propuseram avaliações por meio de formulários com perguntas que se referiam a cada dimensão/valor postulado. Com base nesses formulários, foi desenvolvida uma tabela em Microsoft Excel 2013® que reuniu as dimensões de Baer et al. (1968) e os valores para pesquisa comunitária de Fawcett (1991b), agrupando-os a partir das semelhanças encontradas na leitura das características definidoras de cada critério/valor.

As dimensões propostas por Baer et al. (1968) foram consideradas, pois deveriam guiar os trabalhos de aplicação em Análise do Comportamento. Essas dimensões estabelecem critérios para caracterizar o escopo da pesquisa aplicada e sua diferenciação da pesquisa básica. Esses critérios, porém, não propõem uma forma para avaliar aspectos referentes à relevância social da pesquisa aplicada (R. C. A. Barreira, 2006).

Na avaliação de trabalhos em *settings* comunitários, também foram incluídos os valores postulados por Fawcett (1991b), pois estes podem auxiliar na avaliação das intervenções e refletem os desafios nas relações com os participantes, na determinação dos objetivos e na metodologia a ser aplicada, no planejamento e disseminação das intervenções, na comunicação dos achados de pesquisa e em advogar mudança comunitária. Além disso, os valores trazem, simultaneamente, considerações metodológicas importantes e interesses comunitários, abrangendo o interesse deste trabalho em compreender e caracterizar as publicações em psicologia comportamental

comunitária. Pretendeu-se assim, elaborar uma proposta de instrumento avaliativo guiado mutuamente pelas dimensões de Baer et al. (1968) e valores de Fawcett (1991b).

Avaliação da pertinência dos artigos coletados ao instrumento avaliativo. O presente trabalho, além de caracterizar a psicologia comportamental comunitária e elaborar um instrumento avaliativo que possa servir como guia para a ação comunitária, buscou avaliar se os artigos coletados podiam ser considerados aplicados e comunitários. A partir da leitura integral de todos os artigos coletados, foi possível verificar se os artigos condiziam com as dimensões postuladas por Baer et al. (1968) e os valores descritos por Fawcett (1991b), por meio do instrumento avaliativo elaborado.

Um trabalho pode ser considerado aplicado quando responde a demandas socialmente relevantes de maneira que a intervenção se direcione ao comportamento dos sujeitos e que sejam demonstradas as variáveis controladoras de determinado comportamento. A aplicação deve ser bem descrita, possibilitando replicação, e relacionar-se diretamente a conceitos comportamentais básicos. Ao final de uma pesquisa aplicada, a população investigada deve responder se os efeitos foram suficientemente significativos e se estes ocorreram em momentos posteriores à intervenção.

Por sua vez, um trabalho é considerado comunitário quando os pesquisadores formam relações colaborativas com seus participantes, contribuem com o entendimento acerca dos eventos que ocorrem naturalmente no contexto comunitário e proveem informações dos efeitos dos eventos ambientais sobre os comportamentos. Como na pesquisa aplicada, uma descrição clara dos procedimentos de intervenção possibilita replicação. É importante que a intervenção seja sustentável, ou seja, deve manter-se após a saída do experimentador, com os recursos locais. Além disso, os resultados obtidos devem ser comunicados aos clientes e àqueles com poder para tomada de decisões comunitárias de forma acessível, para que os ganhos obtidos sejam ampliados. Com esses

pressupostos, foi possível avaliar se o estudo era aplicado, ou seja, se respondia a uma demanda socialmente relevante, e se podia ser considerado um trabalho de psicologia comportamental comunitária.

Concordância entre observadores. Com o objetivo de garantir a integridade da coleta, após leitura, análise e categorização de todos os artigos, um observador independente instruído pela pesquisadora do presente trabalho realizou o mesmo procedimento com 20% do material utilizado. Esse recorte foi selecionado aleatoriamente por meio da ferramenta *on-line* Random. Foram comparados os dados do observador independente e os dados prévios da pesquisadora. O cálculo foi realizado utilizando a seguinte fórmula: $[\text{Número de concordâncias} / (\text{Número de discordâncias} + \text{Número de concordâncias})] \times 100$. A concordância entre observadores foi de 94%, denotando fidedignidade dos dados.

Resultados

Foram analisadas cerca de 720 publicações a partir da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave no período de 19 anos (1999-2018) no JABA. A partir dos critérios de exclusão citados anteriormente (Fase 1, p. 28), foram selecionados 51 artigos. Em seguida, a partir dos critérios de inclusão codependentes (Fase 2, p. 29), foram selecionados 25 artigos que se enquadraram nas definições adotadas por esta autora. Esses 25 artigos estão listados, com suas respectivas referências, no Apêndice A (p. 81), organizados a partir dos temas de publicação.

Os artigos selecionados pela aplicação dos critérios de inclusão e exclusão foram categorizados de acordo com seu ano de publicação, local de publicação, nome dos autores, título do trabalho, comportamento-alvo, variável independente, número de sujeitos, *setting* de intervenção, palavras-chave, delineamento experimental e *follow-up*.

Nesta seção, serão apresentadas as características da psicologia comportamental comunitária com base nas 25 publicações retiradas do JABA, uma proposta de instrumento avaliativo para pesquisas na área e a pertinência dos artigos coletados ao instrumento avaliativo elaborado.

Caracterização da Área com Base nas Publicações

Número de artigos publicados por ano. A Figura 1 apresenta os dados relativos ao número de publicações por ano no período compreendido entre o segundo volume publicado em 1999 e o primeiro semestre de 2018.

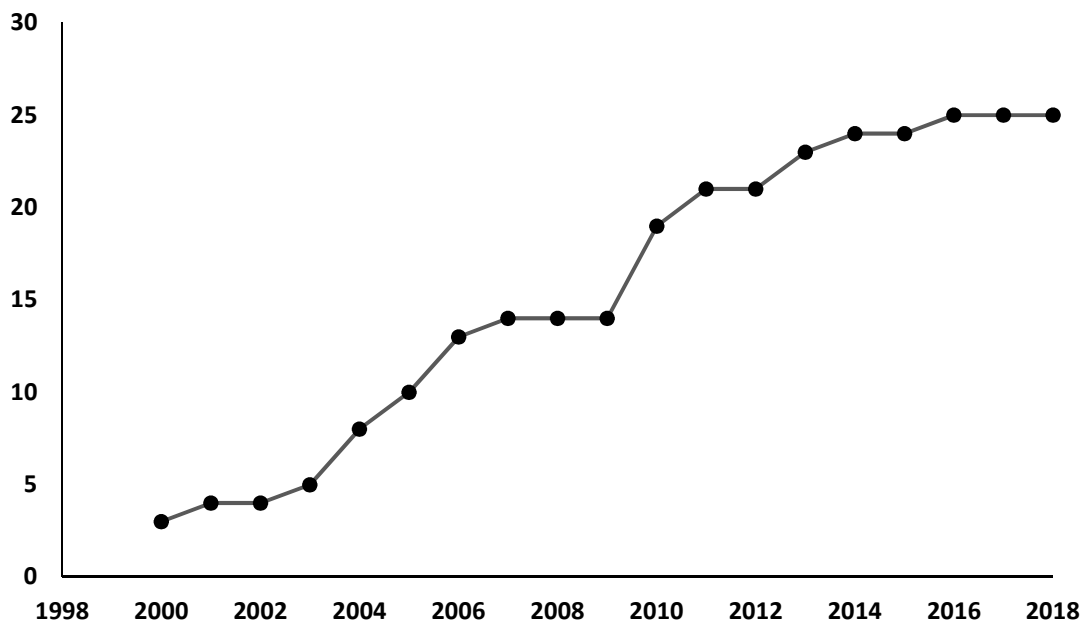


Figura 1. Frequência acumulada de artigos publicados por ano no JABA (1999-2018).

Apesar de poucos trabalhos (25) terem sido encontrados no período pesquisado, na maior parte dos anos, houve publicação de pelo menos um artigo no JABA. Nos 19 anos investigados, não houve publicações de psicologia comportamental comunitária apenas em seis anos: 2002, 2008, 2009, 2012, 2015 e 2017. O ano de 2018 não foi considerado um ano sem publicações, pois o presente trabalho levantou dados apenas até a primeira edição de 2018. Além disso, não foram publicados novos trabalhos desde 2016, o que pode indicar uma baixa na produção da área.

Houve um “pico” de publicações no ano de 2010, com cinco artigos, seguido pelos anos de 2004 e 2006, com três publicações cada. O período com maior número de publicações foi entre 2000 e 2010, com 19 dos 25 artigos selecionados, representando 76% do volume de publicações.

O trabalho anterior realizado por Otero (1999) investigou um período menor (1990-1999) e coletou 60 artigos. Dessa forma, poder-se concluir que a área tem sofrido um decréscimo relevante de produção. Entretanto, essa afirmação deve levar em

consideração divergências nos critérios de inclusão e exclusão entre a presente pesquisa e a de Otero (1999).

Para a seleção dos artigos, Otero (1999) utilizou dois critérios de inclusão. A princípio, incluiu os trabalhos a partir dos temas de interesse da psicologia comportamental comunitária definidos em 1987 por Greene et al. Secundariamente, a autora selecionou os artigos a partir da amplitude de intervenção (número de sujeitos) e *setting*. Nas palavras da autora, “intervenções amplas de um *setting* como um todo são de interesse da PCC³” (p. 34).

O presente trabalho também incluiu artigos com base nos temas de interesse da área, mas utilizou critérios codependentes a partir da adoção de uma definição de psicologia comportamental comunitária. Portanto, a diferença relevante no número de publicações de um trabalho para o outro pode ter ocorrido devido à adoção de uma definição que guiasse os critérios de inclusão na seleção dos artigos, uma vez que, ao se replicar o método de Otero (1999), foram encontrados, inicialmente, 51 artigos.

Esses 51 artigos, porém, não condiziam com a definição proposta por Greene et al. (1987), na qual os autores apontam comunidade como grupo que se caracteriza por manter relações em comum. Dessa forma, a presente seleção de artigos considerou, além dos temas de interesse, que o *setting*, os participantes e comportamentos-alvo deviam ser em comum para os membros de determinada comunidade, enquanto o trabalho de Otero (1999) considerava, além do tema, a amplitude da intervenção e *setting*.

³ Psicologia comportamental comunitária.

Análise das instituições a que os autores estão filiados. A análise a respeito das instituições às quais as pesquisas são vinculadas pode indicar se há um grupo de autores filiados a determinadas instituições que mais publicam em determinada área e se há diálogo entre as mesmas. Nos 25 artigos selecionados, foram encontradas 33 instituições, sendo 22 instituições acadêmicas e 11 não acadêmicas, uma vez que, em alguns artigos, havia autores provenientes de diferentes instituições. Essa informação pode indicar diálogo entre instituições.

A Tabela 2 apresenta o número de publicações por instituição acadêmica. A tabela é dividida em três partes: (a) na parte superior da tabela, estão destacadas as instituições com duas publicações ou mais; (b) na parte central, as universidades com apenas uma publicação; e (c) na parte inferior, as instituições fora dos Estados Unidos com apenas uma publicação.

Tabela 2

Instituições Acadêmicas Levantadas a Partir das Publicações

Local	Instituição	Publicações
Estados Unidos + Outros países	Mount Saint Vincent University	4
	Western Michigan University	4
	University of Virginia Health Systems	2
	University of Otago, Dunedin, New Zealand	2
Estados Unidos	Dalhousie University	1
	Hillsborough County Schools	1
	Leinden University	1
	Florida State University	1
	Grace University	1
	Jacksonville State University	1
	Mary Washington College	1
	San Diego State University	1
	Santa Clara University	1
	University of Florida	1
	University of Houston, Clear Lake	1
	University of Maryland, Baltimore County	1
	University of Nevada, Reno	1
	University of Oregon	1
Virginia Commonwealth University	1	
Outros países	Kwansei Gakuin University, Japan	1
	Massey University, New Zealand	1
	University of Girona, Spain	1

A Tabela 3 apresenta o número de publicações em cada instituição não acadêmica encontrada. Na parte superior, destacam-se as instituições com duas ou mais publicações, seguidas pelas instituições com apenas uma publicação.

Tabela 3

Instituições Não Acadêmicas Levantadas a Partir das Publicações

Instituição	Publicações
Center for Education and Research in Safety	4
Center for Learning and Health, Johns Hopkins University School of Medicine	2
Florida Institute of Technology	1
Galveston Branch	1
Health Services Center, Inc., Birmingham	1
Insurance Institute for Highway	1
National Highway Traffic Safety	1
National Highway Traffic Safety Administration	1
The Deaccelerator Corporation	1
The Tenik Group	1
U.S. Green Building Council	1

Com maior número de publicações, estão autores vinculados às instituições acadêmicas Western Michigan, Mount Saint Vincent University e à instituição não acadêmica Center for Education and Research in Safety, com quatro artigos cada uma. Com dois artigos publicados, temos autores da University of Otago, em Dunedin, na Nova Zelândia; e a University of Virginia Health Systems. Com exceção da University of Girona (Espanha), University of Otago (Nova Zelândia), Massey University (Nova Zelândia) e Kwansei Gakuin University (Japão), todas as demais instituições acadêmicas localizam-se nos Estados Unidos.

Sobre os trabalhos publicados pela Western Michigan University, foram encontrados dois trabalhos vinculados a outras instituições: um artigo com o Center for Education and Research in Safety, em parceria com a National Highway Traffic Safety e The Tenik Group; e outro artigo, com The Deaccelerator Corporation, em parceria com

a National Highway Traffic Safety Administration. Ambos os artigos foram referentes à temática trânsito e segurança ao dirigir.

Pesquisadores da Mount Saint Vincent University também publicaram quatro artigos, sendo que três foram realizados com o Center for Education and Research in Safety; e um com a Western Michigan University, vinculado também com a National Highway Traffic Safety e The Tenik Group.

Com dois artigos publicados, há a University of Virginia Health Systems. Uma das pesquisas foi realizada sem parceria, e a outra, com a Mary Washington College; ambas referentes à temática trânsito e segurança ao dirigir.

Esses dados demonstram que as instituições que mais publicaram desenvolveram trabalhos sobre a temática trânsito e segurança ao dirigir. Além disso, os trabalhos denotam articulação da área, pois, com exceção de um, todos os demais foram publicados em parceria com outras instituições.

Por fim, também com dois artigos publicados na área, foram encontradas publicações vinculadas à University of Otago, em Dunedin, Nova Zelândia. Uma das publicações refere-se à promoção de comportamentos pró-sociais na comunidade, e a outra, à temática ecologia e manutenção do meio ambiente. Apesar do baixo número de publicações, percebe-se que a instituição não tem um tema central de interesse.

Em relação às instituições não acadêmicas, a que aparece com maior número de publicações é o Center for Education and Research in Safety, com quatro artigos publicados, todos com pesquisas voltadas à temática trânsito e segurança ao dirigir.

Por sua vez, o Center for Learning and Health, da Johns Hopkins University School of Medicine, teve dois artigos publicados, sendo um vinculado à University of Maryland, Baltimore County; e outro, ao Department of Clinical Psychology, da Virginia Commonwealth University, em parceria com a Behavioral Pharmacology Research Unit,

da Johns Hopkins University School of Medicine. Em resumo, a Johns Hopkins University School of Medicine teve publicações de dois núcleos de pesquisa (Behavioral Pharmacology Research Unit; e Center for Learning and Health). Os trabalhos dessa instituição desenvolveram intervenções voltadas à temática promoção de comportamento pró-social na comunidade

Em síntese, percebe-se que as instituições não acadêmicas somente publicaram em parceria com instituições acadêmicas, o que pode denotar carência de pesquisadores fora do contexto acadêmico. Além disso, todos os trabalhos relacionados à temática trânsito e segurança ao dirigir realizaram parcerias com instituições não acadêmicas, que talvez pudessem prover recursos para que as pesquisas fossem realizadas. Por outro lado, essas parcerias parecem aumentar a probabilidade de pesquisas realizadas em contextos não acadêmicos, mais próximos das demandas sociais.

Análise da autoria dos artigos. Assim como a análise a respeito das instituições a que os autores estão filiados, a análise da autoria dos artigos também pode auxiliar na identificação de autores ou grupo de autores que mais publicam em determinada área. Além disso, essa análise pode fornecer indicações a respeito do envolvimento de um grupo de autores frente a algum tema específico.

Neste trabalho, foram identificados 74 autores, que, em sua maioria, publicaram em conjunto, pois, como ilustra a Figura 2, a maioria dos artigos tem quatro ou mais autores. Foram encontrados: um artigo com apenas um autor; seis artigos com dois autores; cinco com três autores; e 13 artigos com quatro ou mais autores.

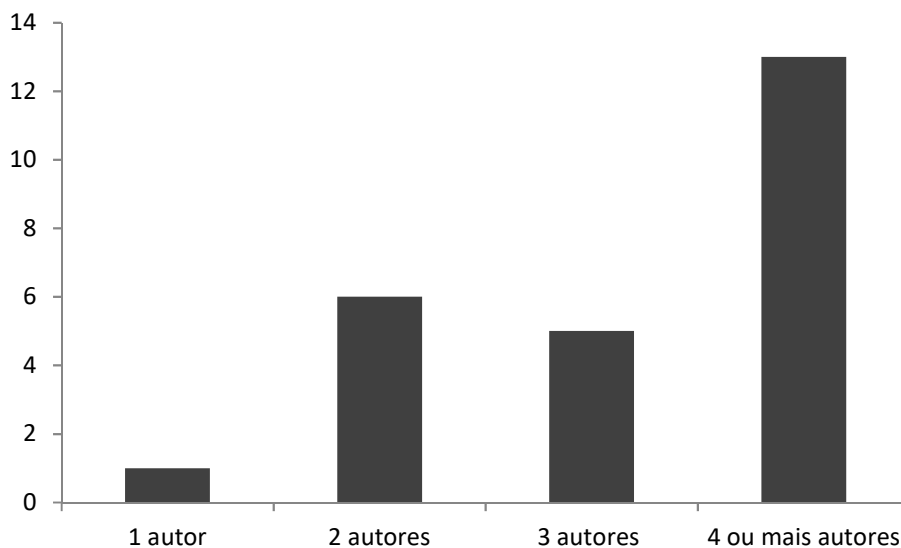


Figura 2. Artigos selecionados nesta pesquisa ($N = 25$), conforme número de autores por artigo.

Dos 74 autores encontrados, sete deles publicaram mais de um artigo no periódico. Na Figura 3, esses autores são apresentados.

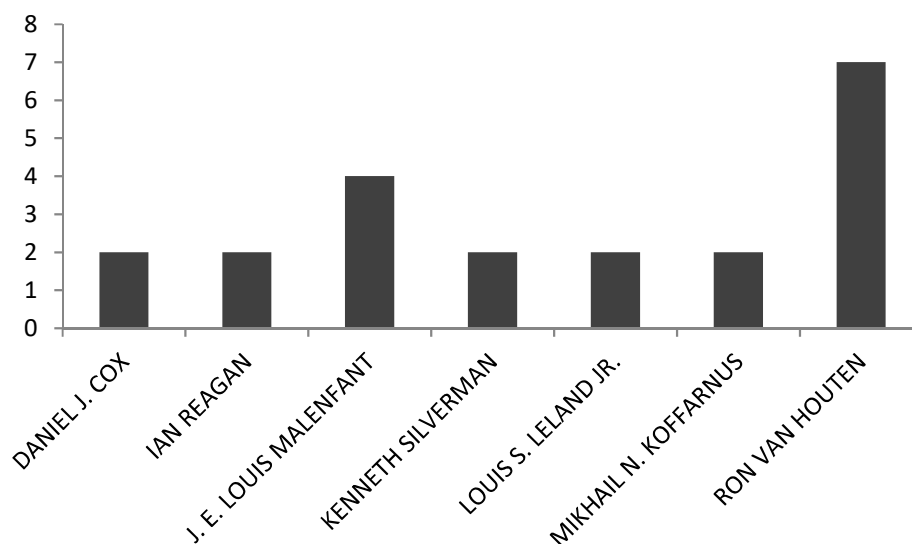


Figura 3. Autores com maior número de publicações.

Ron Van Houten, autor com maior número de publicações, publicou sete artigos entre os anos de 2001 e 2011. Quatro dos sete artigos foram filiados à Mount Saint

Vincent University, e outros três, à Western Michigan University, universidade em que leciona atualmente.⁴ O autor teve dois artigos publicados com mais de um autor e todos os outros com quatro ou mais autores vinculados. Além disso, é membro do Transportation Research Board e The National Committee for Uniform Traffic Control Devices, o que pode explicar o fato de que ter publicado todos os artigos referentes à temática trânsito e segurança ao dirigir.

J. E. Louis Malenfant foi o segundo autor com maior número artigos, com quatro publicações. Todos os artigos foram filiados à Mount Saint Vincent e realizados em parceria com Ron Van Houten. Dessa forma, Malenfant também publicou apenas artigos referentes à temática trânsito e segurança ao dirigir.

Daniel J. Cox, com duas publicações (2000 e 2005), produziu artigos com mais dois autores e também realizou trabalhos referentes a trânsito e segurança ao dirigir, vinculados à University of Virginia Health Sciences Center, ao qual é filiado.

Ian Reagan, também com duas publicações (2010 e 2011) foi mais um autor a contribuir com a temática trânsito e segurança ao dirigir. O autor trabalhou com três ou mais autores em cada artigo, sendo que, em um, houve participação de Ron Van Houten, e outro contou com J. E. Louis Malenfant. Reagan produziu trabalhos vinculados à instituição acadêmica Western Michigan University e a outras instituições não acadêmicas voltadas à segurança no trânsito.

Como se pode observar, os três autores com maior número de publicações publicaram trabalhos referentes à mesma temática: trânsito e segurança ao dirigir. Além disso, mesmo que vinculados a diferentes instituições, os três autores chegaram a publicar

⁴ Conforme *site*:

<https://www.abainternational.org/constituents/bios/ronvanhouten.aspx>

artigos juntos, indicando certo diálogo entre eles dentro dessa temática na psicologia comportamental comunitária.

Kenneth Silverman fez dois trabalhos, ambos no ano de 2013 e voltados à temática promoção de comportamento pró-social na comunidade. O autor é vinculado ao Center for Learning and Health e à Behavioral Pharmacology Research Unit, da Johns Hopkins University School of Medicine. Um dos artigos foi realizado em parceria com o Department of Clinical Psychology, da Virginia Commonwealth University; e o outro, com a Maryland University. Nas duas publicações, o autor trabalhou com três ou mais autores.

Louis S. Leland, Jr., com dois artigos publicados (2006 e 2010), é filiado à University of Otago, na Nova Zelândia, e desenvolveu trabalhos voltados às temáticas ecologia e manutenção do meio ambiente e promoção de comportamento pró-social na comunidade. Um dos trabalhos foi realizado em parceria com a autora Samantha J. Farrimond, e o outro, em parceria com outros cinco autores.

Mikhail N. Koffarnus, também com dois artigos publicados (ambos em 2013), realizou trabalhos voltado à temática promoção de comportamento pró-social na comunidade. Os dois trabalhos foram realizados com o autor Kenneth Silverman, o que indica que os autores estão em diálogo na produção da área.

Em síntese, percebe-se que, na maioria dos artigos, os autores trabalham em parceria. Destacam-se as parcerias referentes à temática trânsito e segurança ao dirigir, na qual, mesmo filiado a instituições diferentes, os autores realizaram trabalhos em conjunto, demonstrando diálogo dentro da área.

Temáticas dos artigos. Os artigos coletados também foram caracterizados a partir da temática (ou tema) de publicação. As temáticas que se enquadram na psicologia comportamental comunitária, conforme já indicado, são: (a) promoção de saúde; (b)

cuidados com a saúde; (c) avaliação de programas sociais e governamentais; (d) assuntos do cidadão e do consumidor; (e) promoção de comportamento pró-social na comunidade; (f) prevenção e atuação sobre o crime; (g) segurança e violência; (h) trânsito e segurança ao dirigir; (i) abuso de drogas; e (j) ecologia e manutenção do meio ambiente.

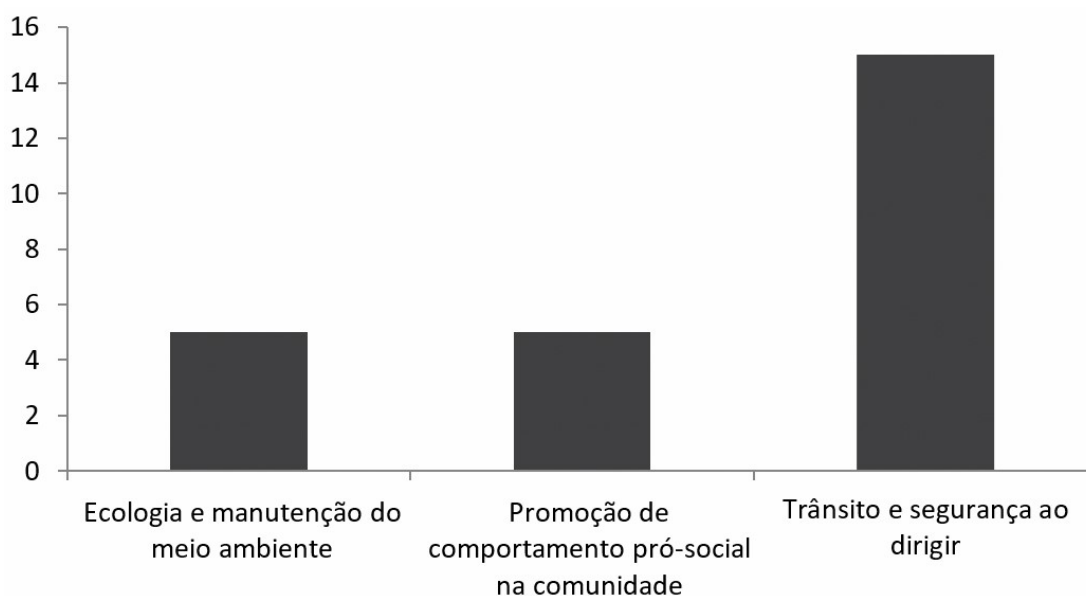


Figura 4. Número de artigos publicados por temática ($n > 1$).

Apesar da amplitude de temáticas característica da psicologia comportamental comunitária, a presente pesquisa identificou apenas quatro nas publicações. A temática com maior número de publicações foi trânsito e segurança ao dirigir, com 15 artigos publicados, que representam 60% das publicações na área. Em seguida, há a temática ecologia e manutenção do meio ambiente, com cinco publicações no período investigado, representando 20% do total de publicações selecionadas. A temática promoção de comportamento pró-social na comunidade resultou na publicação de quatro artigos (16% do total de publicações). Por fim, apenas um artigo foi publicado referente às temáticas promoção de saúde ou cuidados com a saúde, representando 4% do total, e por isso não incluídas na Figura 4 ($n > 1$). Esses dados mostram que a área não produziu trabalhos

que abrangessem a diversidade de temas que a psicologia comportamental comunitária é capaz de abordar, com uma marcada predominância da temática trânsito e segurança ao dirigir.

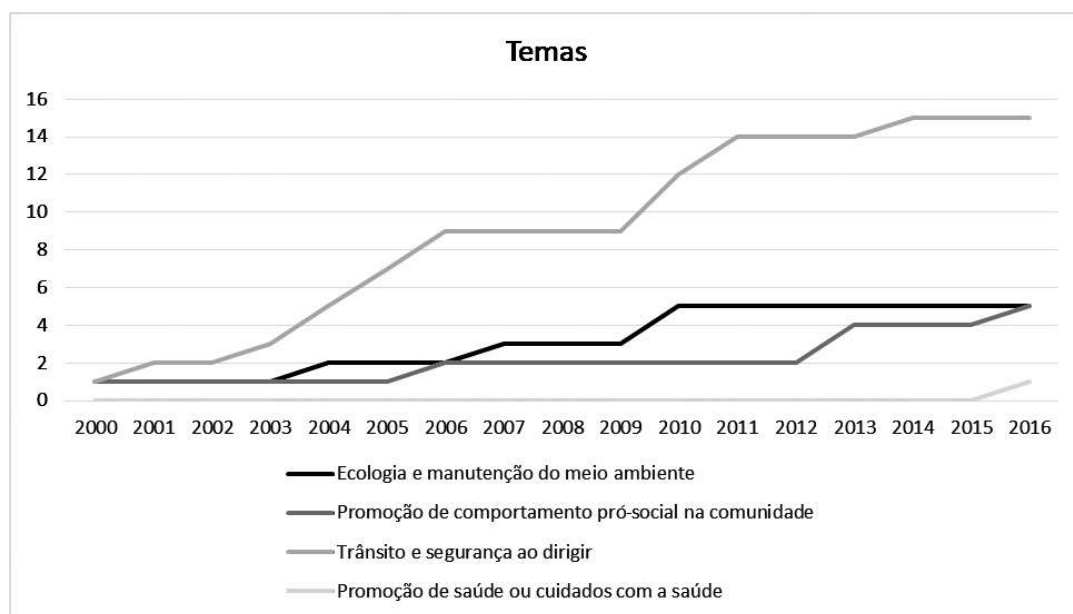


Figura 5. Frequência de artigos referentes a cada temática.

A Figura 5 mostra a frequência de artigos referentes a cada temática ao longo dos anos pesquisados. É importante ressaltar que, após o ano de 2016, nenhum trabalho que se enquadrasse na psicologia comportamental comunitária foi encontrado nesta pesquisa, o que pode indicar um decréscimo de produção na área.

A curva referente à temática trânsito e segurança ao dirigir tem uma aceleração significativa entre os anos de 2003 e 2005. Após esse período, há uma pausa nas publicações por três anos, com retomada na produção a partir de 2009 até o ano de 2011. Após o ano de 2011, houve apenas uma publicação, em 2014. Sendo assim, não há novas publicações na área há quatro anos. Esses trabalhos foram desenvolvidos pelos três autores que mais publicaram em psicologia comportamental comunitária: Ron Van

Houten, J. E. Louis Malenfant e Daniel J. Cox, indicando diálogo entre os autores dentro da temática.

A Organização das Nações Unidas (2015) propôs 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) para serem atingidos até o ano de 2030. A curva representando a temática ecologia e manutenção do meio ambiente, no entanto, teve todas as suas publicações concentradas no período de 2004 a 2010, e tal desaceleração pode indicar que o campo não se está desenvolvendo exatamente em uma das áreas que são consideradas urgentes em nosso planeta. Isso sugere que a escolha das intervenções, apesar de relevantes socialmente, não está alinhada com questões sociais enfrentadas pela vida moderna.

Por sua vez, a curva que representa a temática promoção de comportamentos pró-social na comunidade segue uma baixa frequência de publicações, produzindo apenas um artigo no ano de 2000 e outro no ano de 2005. Após o ano de 2005, houve uma pausa de sete anos sem publicações, e, apenas em 2013, foram encontradas somente mais duas publicações, o que pode indicar que a área também não está em desenvolvimento. Duas publicações, porém, foram realizadas por dois autores que trabalharam em coautoria. Assim, apesar do baixo número de publicações, pode-se perceber certo diálogo dentro da temática.

Por fim, a curva que representa as temáticas promoção de saúde ou cuidados com a saúde teve apenas uma publicação, que ocorreu em 2016.

Apesar de não terem sido encontradas publicações após o ano de 2016, percebe-se que há interesse em áreas diferentes da temática com maior número de publicações (trânsito e segurança ao dirigir). Foi observado, na análise das instituições das publicações, que, na temática majoritária, instituições acadêmicas realizaram parcerias com instituições não acadêmicas, que talvez pudessem prover recursos para que fossem

realizadas as pesquisas. Dessa forma, é possível que a psicologia comportamental comunitária careça de recursos ou parceiros para impulsionar publicações em diferentes temáticas.

Ambientes de intervenção (*setting*) dos artigos. Durante a leitura dos artigos, foram identificados os ambientes em que as intervenções foram realizadas. Esta categoria foi analisada a partir da descrição dos autores sobre os locais em que ocorreram as intervenções. A Tabela 4 mostra quais foram os ambientes em que mais ocorreram intervenções ao longo dos últimos anos e os números de publicações em cada um desses ambientes, separados por temática, a fim de que sejam visualizados os ambientes de intervenção de cada uma.

Tabela 4

Settings de Intervenção nos Artigos Selecionados

Temática	<i>Settings</i>	Quantidade de Artigos
Trânsito e segurança ao dirigir	Estacionamento	4
	Cruzamento de rua	3
	Comunidade para idosos	2
	<i>Campus</i> da universidade	2
	Avenida	1
	Bar próximo à faculdade	1
	Carros de uma frota de limpeza	1
	Escritório/empresa	1
	Estrada do parque	1
Ecologia e manutenção do meio ambiente	Dormitório da faculdade	2
	Escritório/empresa	2
	Cafeteria estudantil	1
Promoção de comportamento pró-social na comunidade	Centro de saúde	2
	Residência social	1
	Supermercado	1
Promoção de saúde ou cuidados com a saúde	Escritório/empresa	1

Os *settings* utilizados com maior frequência na temática trânsito e segurança ao dirigir foram “estacionamento”, com quatro publicações; “cruzamento de rua”, com três; e, com duas publicações cada, “comunidade para idosos” e “*campus* da universidade”. Com apenas uma publicação, foram encontrados “carros de uma frota de limpeza”, “cruzamento de rua”, “avenida” e “estrada do parque”. Como essa temática foi a que mais publicou artigos na área, não surpreende que tenha sido a maior em número de ambientes de intervenção utilizados.

Em relação à temática ecologia e manutenção do meio ambiente, foram encontrados “dormitório da faculdade”, com duas publicações; “escritório/empresa”, com duas publicações; e, com apenas uma publicação, “cafeteria estudantil”. De maneira geral, esses trabalhos buscaram estimular a reciclagem e diminuir o consumo de energia elétrica.

Os trabalhos referentes à temática promoção de comportamento pró-social na comunidade trabalharam em “centro de saúde” por duas vezes; e, apenas uma vez cada, em uma “residência social” e em um “supermercado”. Esses trabalhos buscaram doação de alimentos em um supermercado, promover o desenvolvimento de habilidades de trabalho e melhorar a integração de determinadas comunidades.

Por fim, o único trabalho referente às temáticas promoção de saúde ou cuidados com a saúde utilizou um “escritório” para diminuir o tempo prolongado no qual os funcionários ficavam sentados, prejudicando a saúde.

Como se pode observar, os ambientes com maior número de intervenção têm sido escritórios e estacionamentos, com quatro trabalhos realizados cada, seguidos por cruzamentos de rua, com três trabalhos. Na sequência, com dois trabalhos cada, temos centros de saúde, comunidades para idosos e dormitórios de faculdade. Dessa forma, pode-se concluir que, apesar da pouca diversificação das temáticas das intervenções, os

ambientes de intervenção foram diversos, indicando amplitude nos ambientes de intervenção.

Variáveis independentes ou variáveis de manipulação. Analistas do comportamento buscam, em suas pesquisas, analisar efeitos da manipulação de variáveis ambientais ou estímulos (variáveis independentes – VIs) sobre mudanças no comportamento (variáveis dependentes – VDs) (Velasco, Garcia-Mijares, & Tomanari, 2010). A presente pesquisa buscou identificar quais foram as variáveis independentes manipuladas nas pesquisas encontradas e optou-se por categorizá-las para melhor apreciação dos dados. Diferentemente dos ambientes de intervenção, a apresentação não foi organizada por temáticas, pois o número de VIs encontradas (43) foi muito superior ao número de publicações (25), uma vez que, em muitos trabalhos, mais de uma manipulação ambiental foi realizada. Os dados referentes às VIs mais utilizadas podem ser vistos na Tabela 5.

Tabela 5

Variáveis Independentes Utilizadas nos Trabalhos

Variável Independente	Quantidade
Dicas	21
Recompensa	6
<i>Feedback</i>	5
Informação	5
Manipulação de elementos físicos do ambiente	2
Alteração no tempo da marcha	1
Pedestres atravessando a rua	1
Pedal especial	1
Patrulha policial	1

A VI mais utilizada foi categorizada como “dicas”, com 21 trabalhos, seguida por: “recompensa”, com seis trabalhos; “*feedback*” e “informação”, com cinco trabalhos

cada; e “manipulação do ambiente”, com duas publicações. Utilizadas apenas uma vez cada, foram encontradas “alteração no tempo da marcha”, “pedestres atravessando a rua”, “pedal especial” e “patrulha policial”.

Foram consideradas como “dicas” variáveis que, de alguma forma, instruíam o participante a emitir especificamente o comportamento-alvo. A categoria incluiu “pôster”, “placa de trânsito”, “equipamento eletrônico”, “dica verbal” e “marca no pavimento”. Essas variáveis foram utilizadas, na maior parte, em trabalhos referentes à temática trânsito e segurança ao dirigir. A Figura 6 demonstra a quantidade de trabalhos utilizados em cada tipo de “dica”.

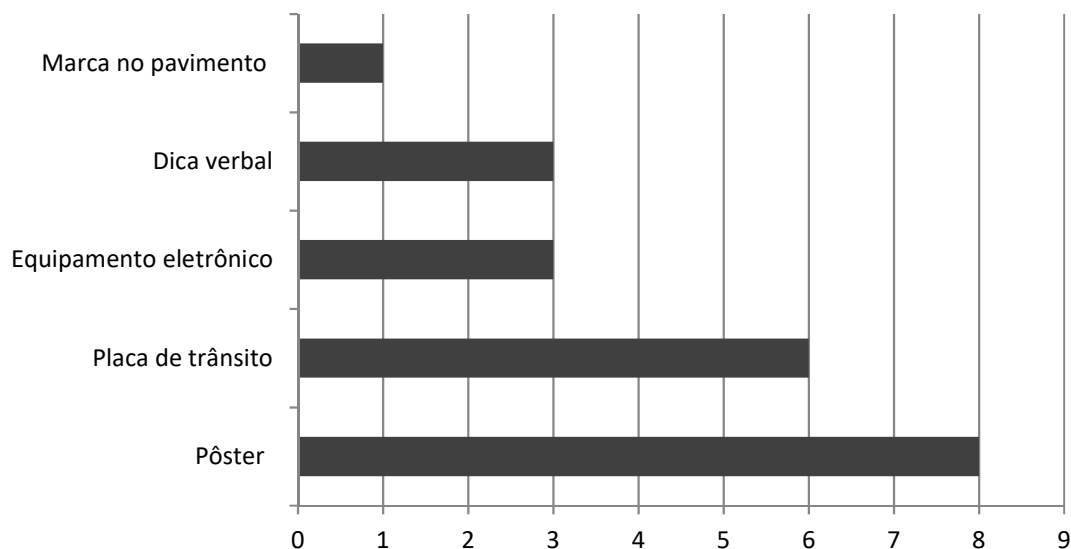


Figura 6. Tipos de dicas e número de vezes em que foram utilizadas.

A segunda manipulação mais utilizada, presente em seis trabalhos, foi categorizada como “recompensa” por esta autora. Foram consideradas “recompensas” manipulações que consequenciaram a emissão do comportamento-alvo. Dentro dessa categoria, foram incluídos “ticket para comida” (1), “ganho de pontos” (2), “dinheiro” (3) e “elogio” (1). Essas variáveis foram utilizadas em trabalhos que se referiam à temática promoção de comportamento pró-social na comunidade.

Cinco trabalhos foram publicados em “*feedback*”. Um *feedback* consiste na prática de consequenciar o comportamento-alvo – ou aproximações deste – por meio de uma conversa entre experimentador e sujeito de pesquisa, de maneira que se oriente o sujeito. Os *feedbacks* foram “coletivos” (1) e “individuais” (4).

Também com cinco trabalhos, foi encontrada a VI “informação”. Foram consideradas como “informação” manipulações ambientais que dispusessem dados sobre o problema de pesquisa com possíveis soluções. Dentro dessa categoria, foram incluídos “anúncios em jornais e televisões”, “cartilhas” e “entrega de *flyers* para sujeitos de pesquisa”. Essas variáveis foram utilizadas majoritariamente em publicações referentes à temática promoção de comportamento pró-social na comunidade.

Com dois trabalhos publicados, há a categoria “manipulação de elementos físicos do ambiente”. Essa categoria refere-se a manipulações ambientais em que os experimentadores alteraram a disposição ou acrescentaram elementos físicos do ambiente de intervenção. Por exemplo, em um dos trabalhos, foram acrescentadas lixeiras para itens recicláveis e observou-se se essa manipulação no ambiente fazia com que estudantes de um *campus* universitário utilizassem o serviço de reciclagem. O outro trabalho buscou deixar copos recicláveis mais visíveis em uma cafeteria estudantil para verificar se os estudantes reciclavam mais. Ambos os trabalhos realizaram intervenções de acordo com a temática ecologia e manutenção do meio ambiente.

Comportamento-alvo (variável dependente). Outra categoria de análise para caracterização da psicologia comportamental comunitária foi a identificação dos comportamentos-alvo desenvolvidos nas intervenções ao longo das publicações levantadas. O comportamento-alvo (ou variável dependente) das intervenções foi identificado a partir da descrição dos autores sobre o objetivo da intervenção. A Tabela 6 lista os comportamentos-alvo encontrados. A apresentação dos comportamentos-alvo

utilizados nas publicações foi separada por temática, para que fossem visualizados os comportamentos-alvo utilizados em cada uma.

Tabela 6

Comportamentos-Alvo Encontrados nas Intervenções

Temática	Comportamento-alvo	Qtde.
Trânsito e segurança ao dirigir	Usar o cinto de segurança	6
	Comportamento seguro na direção	4
	Aderir a placas de “pare”	3
	Parar para pedestre	2
Ecologia e manutenção do meio ambiente	Utilização de itens recicláveis	2
	Economizar energia	2
	Contatar organizações ambientais ou representantes políticos	1
Promoção de comportamento pró-social na comunidade	Habilidades de trabalho	2
	Doação de alimento	1
	Interação social	1
Promoção de saúde ou cuidados com a saúde	Diminuir o tempo sentado no trabalho	1

O comportamento-alvo mais utilizado na temática trânsito e segurança ao dirigir foi “usar o cinto de segurança”, com seis trabalhos publicados. Em seguida, com quatro publicações, o “comportamento seguro na direção”, que se refere a comportamentos como não utilizar o celular ao volante e não dirigir alcoolizado. Com três publicações, encontrou-se “aderir a placas de ‘pare’”, seguido por “parar para pedestre”, com duas publicações.

Em relação à temática ecologia e manutenção do meio ambiente, os comportamentos-alvo com maior número de publicações foram “utilizar itens recicláveis” e “economizar energia”, com duas publicações cada. O comportamento-alvo “contatar organizações ambientais ou representantes políticos”, em que os participantes

deviam buscar esses contatos para melhorar condições ambientais locais, foi desenvolvido apenas uma vez.

Os trabalhos referentes à temática promoção de comportamento pró-social na comunidade intervieram em três comportamentos-alvo diferentes. Por duas vezes, foram realizadas intervenções em que os sujeitos de pesquisa estavam em situação de vulnerabilidade socioeconômica, residindo em centros comunitários e sem perspectivas de mudança. A intervenção consistiu em treinos para desenvolvimento de “habilidades de trabalho”. Em outro trabalho, dentro de um supermercado local, foram adotadas estratégias para que fossem arrecadados alimentos que pudessem ser distribuídos para quem deles necessitasse. Por fim, um último trabalho desenvolveu estratégias para que a convivência em um centro comunitário de jovens melhorasse, pois é comum o isolamento social esses ambientes.

Por fim, apenas um trabalho referente a promoção de saúde ou cuidados com a saúde foi encontrado. Nesse trabalho, os autores intervieram para que os funcionários adquirissem práticas de trabalho mais saudáveis e diminuíssem o tempo sentados, evitando problemas físicos na coluna.

Follow-up. Uma das dimensões propostas por Baer et al. (1968) é a generalização, segundo a qual uma mudança comportamental deve manter-se no tempo, generalizar-se para outros ambientes possíveis ou ainda se estender para outros comportamentos relevantes que não foram manipulados diretamente. O acompanhamento dos efeitos da intervenção algum tempo depois é necessário para que a dimensão seja contemplada. Apenas oito dos 25 trabalhos contemplaram o acompanhamento dos efeitos da intervenção. Tal informação demonstra que a psicologia comportamental comunitária ainda não contempla um dos critérios que definem um trabalho de Análise do Comportamento Aplicada.

Proposição de Instrumento Avaliativo e Avaliação dos Artigos

O presente trabalho, além de caracterizar a psicologia comportamental comunitária a partir de publicações, também se propôs a avaliar os trabalhos que vêm sendo realizados ao longo dos últimos 19 anos. Com base em estudos anteriores (R. B. Barreira, 2014; Malavazzi et al., 2011; Otero, 1999), que avaliaram artigos de Análise do Comportamento Aplicada por meio das dimensões de Baer et al. (1968), foram levantadas algumas questões que deviam ser respondidas com “sim” ou “não”.

No presente trabalho, a autora reuniu todos os critérios/valores, com suas respectivas perguntas, em uma tabela no Microsoft Excel 2013®, com o propósito de identificar aqueles que tivessem descrições compatíveis. A partir desse agrupamento, as respectivas perguntas foram reformuladas, com o devido cuidado para que levantassem as mesmas informações quando não estavam agrupadas daquela forma. Esse procedimento foi realizado com o intuito de facilitar a avaliação dos artigos, tendo em vista que outros modelos avaliativos propostos, em muitos aspectos, buscavam as mesmas informações por intermédio de perguntas diferentes.

O instrumento avaliativo aqui apresentado agrupou as perguntas dos formulários produzidos anteriormente citados na seção Método (pp. 28-34) do presente trabalho. O instrumento avaliativo completo está disponível no Apêndice B (p. 85) e é composto por 13 perguntas com opções mutuamente excludentes, de maneira que somente pode haver uma única resposta para cada questão.

As 13 perguntas, por seu turno, foram organizadas em seis categorias que uniram as dimensões propostas por Baer et al. (1968) e os valores de Fawcett (1991b): (a) Aplicado + Compatibilidade; (b) Analítico e Tecnológico + Simples; (c) Comportamental + Conceitual + Sistemático Conceitualmente; (d) Efetividade + Efetividade; (e) Generalidade + Flexibilidade; e (f) Valores. A explanação sobre os

componentes de cada critério, as perguntas avaliativas e os resultados serão descritos conjuntamente.

A construção do instrumento permitiu: (a) avaliação parcial, de forma que fossem identificadas quais questões avaliativas eram pertinentes às dimensões propostas por Baer et al. (1968) e quais eram pertinentes aos valores de Fawcett (1991b); e (b) avaliação total, que aponta a pertinência aos critérios que uniam os dois referenciais.

Aplicado (BWR) + Compatibilidade (FWCT).⁵ Aplicado. Essa característica discute a relevância social do artigo estudado. O problema investigado deve responder a uma demanda social concreta, e sua resolução, envolver uma resposta a essa demanda. Em trabalhos voltados para a comunidade, os interventores devem considerar a população e suas necessidades, de forma que o problema levantado deva ser uma demanda da comunidade, e não do pesquisador, individualmente.

Compatibilidade. A compatibilidade do projeto e as mudanças propostas devem estar de acordo com a história e os valores da comunidade. Deve-se considerar que o trabalho é para uma comunidade específica e que a intervenção deve manter-se a partir de seus recursos locais, ser sustentável e buscar ao máximo ser independente tanto no fator econômico (uso de fontes acessíveis para os participantes) quanto ao *know-how* necessário para realizar a manutenção das intervenções.

O critério buscou avaliar se os interventores das pesquisas consideraram a população e suas necessidades, de maneira que o problema levantado fosse uma demanda da comunidade, e se, para a realização do trabalho, os recursos estavam dentro da comunidade. A categoria correspondente à dimensão “Aplicado” e ao valor “Compatibilidade” obteve 57% de concordância entre as perguntas avaliativas e os 25

⁵ BWR = Baer, Wolf, & Risley, 1968; FWCT = Fawcett, 1991b.

artigos. Apesar de as perguntas estarem dispostas na mesma categoria, observa-se, com a leitura parcial, que, ainda que consideradas aplicadas (100%), poucas pesquisas transcorreram com a integração dos participantes na elaboração da demanda (24%), e praticamente a metade ocorreu sem que os recursos necessários fossem encontrados na comunidade (48%). Os 57% de concordância refletem certo desequilíbrio na união entre aplicação e comunidade, pois o critério apontou que, apesar de aplicados por intervirem em comportamentos socialmente relevantes, os trabalhos não são comunitários, pois a aplicação não é voltada à realidade das comunidades investigadas.

Leugi e Guerin (2016) advogam que analistas do comportamento consultem e trabalhem com comunidades, para entender o contexto social e para mudar o que deve ser modificado de acordo com a perspectiva da população investigada. O analista do comportamento que não leva em consideração a realidade comunitária age cegamente, modificando comportamentos de comunidades porque “lhe disseram” que a mudança comportamental era importante. Dessa forma, é de extrema importância que, em aplicações futuras, esse critério seja revisto, a fim de que a ação se dirija às realidades comunitárias investigadas.

Tabela 7

Porcentagem de Artigos com Indicativos da Categoria Aplicado + Compatibilidade

Dimensões/Valores	Perguntas	Porcentagens	
		Parciais	Total aproximado
Aplicado (BWR) + Compatibilidade (FWCT)	Os sujeitos e <i>settings</i> escolhidos são os que participam diretamente do problema a um nível que o torna socialmente importante?	100%	57%
	A intervenção é elaborada com os participantes?	24%	
	Os recursos (<i>know-how</i> , recursos financeiros) que a intervenção utiliza e necessita são encontrados no ambiente da população que é sujeito da pesquisa?	48%	

Analítico e tecnológico (BWR) + Simples (FWCT). *Analítico.* Um estudo é considerado analítico quando faz a demonstração de eventos que determinam um comportamento, ou quando demonstra e descreve a relação entre variáveis envolvidas no estudo, ou seja, deve-se demonstrar que a intervenção está relacionada à modificação observada no comportamento.

Tecnológico. O estudo é tecnológico na medida em que identifica e descreve minuciosamente os procedimentos utilizados na pesquisa, possibilitando tanto uma avaliação eficaz dos mesmos quanto a replicação do experimento.

Simples. O projeto deve ser simples, de forma que seus procedimentos devam ser de fácil entendimento para quem dele participa. Os procedimentos devem ser descritos de maneira que os participantes da intervenção sejam capazes de realizá-los. Além disso, os próprios procedimentos devem ser simples o suficiente, com o mínimo de obstáculos para que a população-alvo seja capaz de efetua-los.

É importante destacar que essas características buscam facilitar a replicação das intervenções. Entretanto, percebe-se que as dimensões propostas por Baer et al. (1968) descrevem atitudes necessárias do pesquisador para que outros pesquisadores repliquem o estudo, enquanto o valor postulado por Fawcett (1991b) volta-se para replicação por meio dos participantes de pesquisa.

O critério avaliou se os trabalhos selecionados descreviam minuciosamente as variáveis das intervenções de forma que seus procedimentos fossem de fácil compreensão para aqueles que delas participaram. No total, o critério atingiu 77% de concordância entre as perguntas avaliativas e os artigos coletados; portanto, em sua maioria, os artigos estão pertinentes ao instrumento avaliativo. No entanto, as avaliações parciais demonstram que, apesar de haver descrição detalhada das variáveis dispostas nos estudos (100%), estas não eram de fácil entendimento para aqueles que participaram das

pesquisas (32%). Esses resultados, assim como os referentes ao primeiro critério estabelecido neste trabalho, apontam que, apesar de serem considerados trabalhos aplicados por assegurarem a possibilidade de replicação, os trabalhos não são comunitários, pois os procedimentos não puderam ser entendidos por qualquer pessoa. Novamente, os critérios de Baer et al (1968) são contemplados, mas não os valores postulados por Fawcett (1991b).

Tabela 8

Porcentagem de Artigos com Indicativos da Categoria Analítico e Tecnológico + Simples

Dimensões	Perguntas	Porcentagens	
		Parciais	Total aproximado
Analítico e Tecnológico (BWR) + Simples (FWCT)	A pesquisa descreve e verifica a relação entre as contingências relacionadas ao comportamento estudado?	100%	77%
	Existe uma descrição detalhada dos procedimentos ao ponto que outros pesquisadores poderiam implementar os mesmos procedimentos?	100%	
	Os procedimentos podem ser entendidos por qualquer pessoa?	32%	

Comportamental + Conceitual (BWR) + Sistemático Conceitualmente (FWCT). *Comportamental.* Uma pesquisa aplicada deve implicar o contato direto com os sujeitos que apresentam o comportamento a ser estudado e modificado, baseando-se então, na observação desses sujeitos e de seu comportamento (Baer et al., 1968). Nas intervenções, o pesquisador deve estar em contato com a comunidade que participará da intervenção.

Conceitual. Um estudo é conceitual quando suas intervenções necessariamente se relacionam aos conceitos comportamentais básicos.

Sistemático conceitualmente. Assim como nas dimensões desenvolvidas por Baer et al. (1968), este valor postulado por Fawcett (1991) reitera a importância da relação entre os procedimentos utilizados na intervenção e o sistema teórico da Análise do Comportamento.

O terceiro critério avaliou se as pesquisas tinham a preocupação com o estudo direto do comportamento (VD) e se suas intervenções (VI) se relacionavam a conceitos comportamentais básicos. O critério obteve parcialmente e totalmente 100% de acurácia, apontando que a área tem um critério consolidado perante a aplicação a comunidades. Além disso, a semelhança entre a dimensão postulada por Baer et al. (1968) e o valor de Fawcett (1991b) denota alinhamento nos interesses das pesquisas aplicada e comunitária.

Tabela 9

Porcentagem de Artigos com Indicativos da Categoria Comportamental + Conceitual + Sistemático Conceitualmente

Dimensões/Valores	Perguntas	Porcentagens	
		Parciais	Total aproximado
Comportamental (BWR) + Conceitual (BWR) + Sistemático Conceitualmente (FWCT)	Os participantes no <i>setting</i> a ser observado experienciam o comportamento socialmente relevante? As técnicas envolvidas no procedimento são discutidas com relação aos conceitos básicos da Análise do Comportamento?	100%	100%

Efetividade (BWR) + Efetividade (FWCT). Segundo Baer et al. (1968), um estudo é considerado eficaz quando os resultados são avaliados – por quem sofreu a intervenção – e considerados significativos. Quando uma aplicação não obtém valor prático na vida do indivíduo, considera-se que a intervenção falhou. Além de nomeado da mesma forma que a dimensão postulada por Baer et al. (1968), o valor de Fawcett

(1991b) também aponta que a efetividade do programa deve ser avaliada em função da comunidade que participa dele. Assim, a efetividade na mudança de certos comportamentos ou na resolução de uma demanda deve ser observada e confirmada pela população que teve seu comportamento alterado. Fawcett (1991b) acrescenta, ainda, que os efeitos da intervenção devem ser rápidos e claros, para que a população os identifique e confirme essa efetividade.

O quarto critério investigou se houve resolução de uma demanda social pelos sujeitos de pesquisa e obteve alto valor de concordância: 96%. No entanto, é importante ressaltar que, a partir da leitura integral dos artigos, se notou que, apesar de a variável independente produzir mudanças nos comportamentos-alvo, estas não foram confirmadas pela população, mas sim pelos resultados das intervenções. A pergunta avaliativa do critério deu margem para que fossem observadas as mudanças que a VI produziu, mas não permitiu certificação de que as mudanças foram avaliadas pela população participante.

O critério postulado por Baer et al. (1968) descreve a postura do pesquisador, sendo este o responsável na avaliação da intervenção, enquanto Fawcett (1991b) caracteriza a avaliação a partir da perspectiva da comunidade investigada. Assim como na avaliação do segundo critério, sugere-se que as dimensões postuladas por Baer et al. (1968) têm enfoque no comportamento do pesquisador, ao passo que os valores de Fawcett (1991b), no comportamento da população investigada.

Tabela 10

Porcentagem de Artigos com Indicativos da Categoria Efetividade

Dimensões/Valores	Perguntas	Porcentagens	
		Parciais	Total aproximado
Efetividade (BWR) + Efetividade (FWCT)	A variável independente produz mudanças nos comportamentos-alvo?	96%	96%

Generalidade (BWR) + Flexibilidade (FWCT). *Generalidade.* Uma mudança comportamental deve manter-se no tempo, generalizar-se para outros ambientes possíveis, ou ainda estender-se para outros comportamentos relevantes que não foram manipulados diretamente. A verificação e análise desse aspecto nas intervenções é de importância fundamental, pois relaciona-se com a permanência das alterações comportamentais após o término do programa de intervenção (Baer et al., 1968).

Flexibilidade. O projeto deve ser flexível, ou seja, não determinado o suficiente para que os participantes possam variar seu comportamento e selecionar o mais adequado dentro da proposta. Considerando-se que o trabalho comunitário deve ser elaborado com os participantes, este valor de Fawcett (1991b) garante que o pesquisador atue sob controle da comunidade e que o pesquisador, ao replicar um trabalho, não “imponha” emissão de respostas, mas leve em consideração as capacidades do grupo, permitindo que respostas com topografias diferentes sejam emitidas.

O penúltimo critério avaliou se as mudanças comportamentais propostas se mantiveram no tempo, generalizaram-se para outros ambientes possíveis ou ainda se estenderam para outros comportamentos relevantes não manipulados diretamente. Além disso, avaliou se a intervenção se adaptou às condições locais da população pesquisada. O resultado total foi de 62%, indicando que a maioria das publicações correspondeu ao critério. No entanto, o resultado parcial referente à generalização foi de 28%, enquanto o

resultado parcial que se referia à flexibilidade das intervenções atingiu quase a totalidade: 96%. Dessa maneira, sugere-se que trabalhos futuros planejem intervenções que promovam generalização.

Tabela 11

Porcentagem de Artigos com Indicativos da Categoria Generalidade + Flexibilidade

Dimensões/Valores	Perguntas	Porcentagens	
		Parciais	Total aproximado
Generalidade (BWR) + Flexibilidade (FWCT)	Há uma descrição dos efeitos que generalizam em outros sujeitos, outras condições no tempo ou em outros comportamentos? A implementação ou as adaptações da intervenção são arranjadas de modo a ir ao encontro das condições locais?	28% 96%	62%

Valores. Esta categoria buscou avaliar se as pesquisas favoreciam a transformação do ambiente, no sentido de torná-lo mais propício ao desenvolvimento de comportamentos benéficos à comunidade e ao surgimento e manutenção de relações de controle mais saudáveis e menos coercitivas. Além disso, o critério avaliou se, após a intervenção, os pesquisadores se preocuparam com a disseminação dos resultados para os detentores de poder, pois estes poderiam garantir a permanência dos ganhos estabelecidos e contribuir com ações futuras em outros campos de atuação.

A inclusão do critério aponta para a necessidade de as intervenções se relacionarem diretamente com questões sociais mais amplas, pois a psicologia comportamental comunitária busca a transformação de condições sociais prejudiciais em vigência. Para se adequarem ao critério, os artigos deveriam descrever as contingências que produziam ou mantinham determinado comportamento.

Parcialmente, a maior parte dos artigos (88%) desenvolveu trabalhos em que os resultados geraram condições distintas de um modelo social vigente que fosse

considerado prejudicial para o desenvolvimento de uma comunidade saudável. No entanto, em relação à comunicação dos resultados para aqueles que podem tomar decisões em larga escala – os detentores de poder –, houve 36% de compatibilidade com a pergunta avaliativa. Dessa forma, o critério atingiu 62%, significando que os trabalhos, em sua maioria, correspondem a ele. No entanto, a partir da análise parcial, podemos afirmar que a comunicação com os detentores de poder não foi realizada na maioria dos trabalhos, sugerindo a necessidade de maior planejamento pelos pesquisadores da área para que os efeitos da psicologia comportamental comunitária possam ser ampliados.

Tabela 12

Porcentagem de Artigos com Indicativos da Categoria Valores

Dimensões/Valores	Perguntas	Porcentagens	
		Parciais	Total aproximado
Valores	Os resultados estimulam o desenvolvimento de um modelo social diferente daquele vigente?	88%	62%
	Os resultados são comunicados para os “tomadores de decisão”, de modo a contribuir para ações futuras consistentes?	36%	

Como já referido, o instrumento avaliativo foi feito com o intuito de agrupar formulários produzidos por estudos anteriores para avaliar intervenções aplicadas da Análise do Comportamento e a psicologia comportamental comunitária. A construção do instrumento permitiu que fossem identificadas quais questões avaliativas eram pertinentes às dimensões propostas por Baer et al. (1968) e quais eram pertinentes aos valores de Fawcett (1991b). Verificou-se que boa parte dos trabalhos se adequou à maioria das dimensões propostas por Baer et al. (1968), exceto a generalização. No entanto, em relação aos valores postulados por Fawcett (1991b), a maioria das pesquisas não cumpriu com os requisitos avaliativos.

Deve-se levar em consideração que os critérios propostos por Baer et al. (1968) foram publicados há 50 anos e são de amplo conhecimento na área aplicada, enquanto o trabalho de Fawcett (1991b) tem 27 anos de publicação. Além disso, a aplicação é uma área da Análise do Comportamento, considerada consolidada, com um artigo voltado especialmente para orientar trabalhos e com diversos estudos que a avaliaram ao longo dos anos.

A psicologia comportamental comunitária, por sua vez, é um campo de atuação do analista do comportamento que necessita de contribuições “do conhecimento produzido por diferentes áreas do saber e não só do conhecimento de uma área” (Kubo & Botomé, 2001, para. 7). Portanto, tem menos corpo teórico e menos estudiosos, de forma que os critérios correspondem, em maior parte, à aplicação, e não à aplicação *na comunidade*.

Assim, a psicologia comportamental comunitária necessita consolidar seu corpo teórico por meio das contribuições de outras áreas de atuação e de trabalhos que se voltem à sua avaliação, promovendo um alinhamento de práticas. Espera-se que o presente trabalho a tenha auxiliado a caminhar nesse sentido. Além disso, o instrumento avaliativo proposto pode ser utilizado como um guia para a ação, de forma que as perguntas, em vez de avaliar posteriormente um trabalho, possam direcionar as ações comunitárias previamente.

Dessa forma, em pesquisas futuras, a psicologia comportamental comunitária deve ficar atenta ao planejamento das intervenções, de maneira que os pesquisadores formem relações colaborativas com seus participantes, contribuam com entendimento acerca dos eventos que ocorrem naturalmente no contexto comunitário e provejam informações dos efeitos dos eventos ambientais sobre os comportamentos. Além disso, é importante que a intervenção seja sustentável, ou seja, deve manter-se após a saída do

experimentador com os recursos locais e que os resultados obtidos sejam comunicados aos clientes e àqueles com poder para tomada de decisões comunitárias de forma acessível, a fim de que os ganhos obtidos sejam ampliados.

Considerações Finais

A preocupação de analistas do comportamento em aplicar sua ciência aos problemas humanos pode ser encontrada durante toda a obra de Skinner (R. B. Barreira, 2014), e, a partir da década de 1960, esses analistas se dedicaram à discussão de questões conceituais e metodológicas quanto à possibilidade de compreensão das estruturas sociais e a avançar em intervenções no âmbito social (Andery, 2011). Parece, então, razoável supor que a proposta de uma psicologia comportamental aplicada à comunidade surgisse mais claramente após esse período. Como seriam, portanto, as produções acadêmicas de uma área que se vem constituindo nos últimos 40 anos?

O trabalho de Otero (1999) identificou 60 artigos na década de 1990, e o presente trabalho, em um período maior (1999-2018), encontrou apenas 25 artigos. Esses dados representam um decréscimo significativo na produção da área. Na década em que Otero (1999) realizou seu trabalho, Fawcett (1991b) havia publicado o artigo “Alguns Valores Guiando a Pesquisa e Ação Comunitária”, no qual descreve um guia para analistas do comportamento trabalharem com comunidades. Seria difícil descobrir as razões pelas quais o autor escreveu o texto, mas pode-se imaginar que este surge em um contexto em que analistas do comportamento publicavam trabalhos aplicados havia poucas décadas e talvez carecessem de orientações para aplicar a Análise do Comportamento em comunidades.

Levanta-se a hipótese de que, com a publicação então recente de Fawcett (1991b), a área se tenha movimentado, e esse momento se tenha refletido no número de publicações encontrado por Otero (1999). Inclusive, 27 anos após a publicação do texto de Fawcett (1991b) com valores para guiar o trabalho comunitário, este ainda pode ser considerado a referência teórica mais completa da área em termos de orientação para a ação comunitária.

Recentemente, Leugi e Guerin (2016) apontaram que, para promover mudanças sociais utilizando-se o referencial teórico da Análise do Comportamento, os pesquisadores e profissionais devem reconsiderar as fontes de conhecimento para intervenção e abstrair-se da posição de neutralidade da ciência. Os autores propõem diálogo com outras áreas de conhecimento e com as comunidades, a fim de ampliar a compreensão da complexidade dos contextos sociais.

Além disso, alguns autores apontam que a falta de consenso na caracterização da psicologia comportamental comunitária pode ser considerada um problema (Goodstein & Sandler, 1978; O'Donnell & Tharp, 1982). Skinner (1953/2003), em um trecho de seu livro *Ciência e Comportamento Humano*, posiciona-se em relação a confusões teóricas e suas implicações: “As teorias afetam a prática. Uma concepção científica do comportamento humano dita uma prática, a doutrina da liberdade pessoal, outra. Confusão na teoria significa confusão na prática” (p. 10).

Essa “confusão na prática” pode ser ilustrada pela dificuldade enfrentada no presente trabalho para inclusão e exclusão de artigos para análise da psicologia comportamental comunitária. Essa dificuldade também se relaciona diretamente ao fato de que, se tomássemos como base, na íntegra, o trabalho de maior relevância da área (Fawcett, 1991b), o número de publicações incluídas seria ainda menor, pois, na psicologia comportamental comunitária, há a necessidade de diálogo com os participantes da pesquisa. Essa necessidade de comunicação deve acontecer diante da necessidade de que os participantes demandem e medeiam a aplicação das intervenções (Fawcett, 1991b). Dessa forma, há maiores chances de o trabalho ser efetivo tanto do ponto de vista de uma demanda social suprida quanto do ponto de vista conceitual no que diz respeito a abranger os critérios de pesquisa aplicada.

Ainda sobre possíveis confusões teóricas, na busca por uma definição que abrangesse o escopo de atuação da psicologia comportamental comunitária, o presente trabalho buscou na psicologia comunitária que se originou da psicologia social características que pudessem ser incluídas em uma definição para a primeira. Ora, para a psicologia comunitária oriunda da psicologia social, o trabalho comunitário caracteriza-se por intervenções com populações carentes. Mais uma vez, caso esta característica fosse adotada para os critérios de inclusão/exclusão dos artigos, teriam sido encontrados menos artigos, pois muitos dos trabalhos encontrados não foram realizados com populações de baixa renda e/ou vulneráveis.

Pode-se, porém, dizer que a psicologia comportamental comunitária ampliou o escopo de atuação, pois, para além do foco em populações carentes (como na psicologia comunitária oriunda da psicologia social), pode atuar sob qualquer demanda socialmente relevante, como, por exemplo, diminuição do consumo de papéis em uma instituição, ou adesão de motoristas à sinalização de trânsito dentro de uma comunidade. Em ambos os casos, a intervenção parte de uma demanda elaborada por indivíduos que, de alguma forma, eram prejudicados sem o trabalho interventivo.

Para que uma intervenção seja considerada socialmente relevante, analistas do comportamento, no entanto, devem estar atentos à relevância dos objetivos, à adequação dos procedimentos à realidade do grupo e aos impactos da intervenção (Wolf, 1978). Dessa forma, analistas do comportamento devem desenvolver formas de interagir com os indivíduos de determinado grupo para investigar demandas sociais, ou seja, a intervenção deve ser pautada pelos interesses comunitários, e não do pesquisador, individualmente.

Dessa maneira, respondendo à pergunta inicial desta seção, uma das implicações de trabalhar com uma área que se tem desenvolvido recentemente pode ser a falta de

consenso na caracterização e a carência de novas referências que possam dar corpo a uma definição e impulsionar novas publicações. A diminuição do número de artigos encontrada no presente trabalho em comparação com o de Otero (1999) demonstra que a área não está em constante desenvolvimento.

Vale destacar que o presente trabalho buscou artigos em apenas um periódico. Tal recorte pode limitar o acesso a outros estudos que trabalhem com a interface da aplicação da Análise do Comportamento à realidade comunitária. De toda forma, conforme Otero (2002) apontou, o periódico escolhido (JABA) tem características de aceitação pela comunidade de analistas do comportamento. Foram realizadas análises para avaliar a relevância do periódico nesse público (Laties & Mace, 1993), que apontam que o JABA é o periódico mais difundido entre analistas do comportamento, “de modo que quando analisamos as características mais frequentes dos artigos veiculados no periódico, estaremos descrevendo uma posição mais difundida dentro da análise do comportamento” (Otero, 1999, p. 67). De toda forma, sugere-se ampliação das fontes de busca em trabalhos futuros.

Outros autores também notaram baixo número de publicações de caráter social no JABA. Hawkins, Greene e Fuqua (1995) identificaram três fatores que contribuem para a restrição temática de trabalhos publicados: (a) poucos analistas do comportamento em comparação com o número e magnitude de problemas sociais a serem estudados; (b) metodologia inadequada para lidar com problemas sociais de maneira experimental; e (c) recusa na publicação em função de padrões metodológicos, o que diminui a probabilidade estudar esses problemas.

Nesse sentido, outros autores também já chamaram a atenção para o rigor metodológico do JABA, que pode dificultar a entrada de analistas do comportamento em novas áreas de atuação (Holpert, 2004). Otero (2002) também apontou dificuldade para

trabalhar com questões sociais “a partir do arcabouço conceitual já elaborado pela análise do comportamento” (p. 58). R. B. Barreira (2014) também provoca a área, ao indagar se as propostas da Análise do Comportamento são colocadas em questão quando o tema abordado são as questões sociais.

Outro ponto a ser discutido é a pouca diversidade de temáticas (ou temas) com que a psicologia comportamental comunitária trabalhou no período estudado. Foram encontradas apenas quatro temáticas das 10 possíveis mapeadas por Otero (1999) A temática mais trabalhada foi trânsito e segurança ao dirigir, representando 60% do total de publicações. Ao analisar a autoria/instituições dos textos, pode-se perceber que os trabalhos dessa temática foram realizados em parceria com instituições não acadêmicas, voltadas ao desenvolvimento de tecnologia no trânsito. Infere-se que tais grupos tenham recursos financeiros suficientes para financiar pesquisas com analistas do comportamento. Tal parceria parece vantajosa tanto para essas instituições quanto aos autores, pois acabam recolhendo recursos para o desenvolvimento de trabalhos de Análise do Comportamento aplicada a problemas sociais. Alguns questionamentos são pertinentes: as universidades não fornecem recursos suficientes para o desenvolvimento de trabalhos em temas de interesse social? Existe a necessidade de investimento de instituições não acadêmicas para viabilização de trabalhos voltados à comunidade? Em caso afirmativo, por que outras instituições não estão utilizando o potencial da Análise do Comportamento para a resolução de problemas sociais na interface comunitária?

Ainda sobre a temática trânsito e segurança ao dirigir, a análise de autoria dos trabalhos publicados mostrou que as publicações articularam autores, indicando que a área está em constante diálogo e desenvolvimento. Os três autores com maior número de artigos publicaram trabalhos nessa temática e em parceria, indicando diálogo dentro dela e na psicologia comportamental comunitária.

Ron Van Houten foi o autor com maior número de publicações (sete entre os anos de 2001 e 2011). O número de publicações pode relacionar-se ao fato de que o autor também é membro do Transportation Research Board e The National Committee for Uniform Traffic Control Devices.

Considerando que a maior temática encontrada na presente pesquisa foi trânsito e segurança ao dirigir, não surpreende que os comportamentos-alvo, variáveis independentes e *settings* se relacionem a automóveis e leis de trânsito. No entanto, apesar de poucas temáticas encontradas, os ambientes de intervenção foram diversificados, o que pode indicar que, pelo menos dentro de cada temática, há amplitude nas possíveis áreas de intervenção.

Em relação à avaliação da área com base no instrumento avaliativo proposto neste trabalho, conclui-se que, apesar de as intervenções terem sido efetivas e corresponderem a intervenções analítico-comportamentais aplicadas, as pesquisas ainda carecem da participação popular no auxílio da elaboração e mediação das intervenções. Essa carência relaciona-se diretamente às características da psicologia comportamental comunitária e indica que a relação teoria-prática não ocorre integralmente.

O instrumento avaliativo foi composto por seis critérios, os quais continham perguntas que possibilitaram identificar quais elementos se relacionavam às dimensões postuladas por Baer et al. (1968) (BWR) e quais se relacionavam aos valores de Fawcett (1991b) (FWCT). A partir da avaliação, identificou-se que, em alguns pontos, o trabalho de Baer et al. (1968) direciona-se a orientar o pesquisador de acordo com os interesses do mesmo, enquanto a psicologia comportamental comunitária orienta atitudes do pesquisador frente à comunidade e à população para qual a intervenção se direciona. A união de ambos os interesses se torna necessária para a consolidação da psicologia comportamental comunitária. Entretanto, por meio do instrumento avaliativo, foi

possível perceber que apenas alguns critérios, como os critérios Efetividade + Efetividade e Comportamental + Conceitual + Sistemático Conceitualmente, articularam interesses da área aplicada e da psicologia comportamental comunitária. Os resultados apontam uma série de desafios que a psicologia comportamental comunitária deve enfrentar. Entre eles, a necessidade da realização de novos trabalhos comunitários e que estes se voltem a temáticas comunitárias diversas. Para tal, pode ser necessário flexibilizar o controle experimental e haver flexibilidade nas intervenções.

Segundo Leugi e Guerin (2016), uma Análise do Comportamento comprometida com mudança social deve agregar o conhecimento obtido por meio de trabalhos de outras áreas que se basearam nas realidades comunitárias (*community-base knowledge*). O instrumento avaliativo para a psicologia comportamental comunitária proposto por este trabalho pode contribuir como guia para a análise de intervenções comunitárias futuras. O seguimento do instrumento garante que o trabalho seja considerado aplicado e comunitário.

Este trabalho buscou auxiliar na identificação de direções futuras da psicologia comportamental comunitária e dar pistas para avaliação, promoção e remodelação dessas direções, de forma que o analista do comportamento possa contribuir com a premissa de que a Análise do Comportamento não surge apenas como uma iniciativa técnica e científica, mas também como uma promessa de reforma social, contribuindo para a justiça social.

Referências

- Andery, M. A. P. (2011). Comportamento e cultura na perspectiva da análise do comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 2(2), 203–217.
- Andery, M. A. P. (1993). Uma sociedade voltada para o futuro. *Temas em Psicologia*, 2(1), 23–30.
- Azevêdo, A. V. S., & Pardo, M. B. L. (2014). Formação e atuação em psicologia social comunitária. *Psicologia em Pesquisa*, 8(2), 200–210. doi:10.5327/Z1982-1247201400020009
- Baer, D. M. (1987). Weak contingencies, strong contingencies, and many behaviors to change. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 20(4), 335–337. doi:10.1901/jaba.1987.20-335
- Baer, D. M., Wolf, M. M., & Risley, T. R. (1968). Some current dimensions of applied behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1(1), 91–97. doi:10.1901/jaba.1968.1-91
- Barreira, R. B. (2014). *Questões sociais e a análise do comportamento: Investigando artigos do Behavior and Social Issues (2001-2013)* (Trabalho de conclusão de curso). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Barreira, R. C. A. (2006). *Validade social: Implicações da proposição de um conceito para a Análise do Comportamento* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Bellack, A. S., Hersen, M., & Kazdin, A. E. (Eds.). (1982). *International handbook of behavior modification and therapy*. New York & London: Plenum Press.
- Bezerra, M. B. L. (2003). *Questões preliminares sobre política em B. F. Skinner* (Trabalho final para a disciplina Pesquisa em Fundamentos da Psicologia). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, Brasil.

- Bissoli, E. B. (2013). *O ser humano capaz de dar direção à sua vida: Um estudo da obra de B. F. Skinner na década de 1970* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Botomé, S. P. (1996). Serviço à população ou submissão ao poder: O exercício do controle na intervenção social do psicólogo. *Estudos de Psicologia, 1*(2), 173–202.
- Botomé, S. P. (2001). Sobre a noção de comportamento. In H. P. Feltes & U. Zilles, *Filosofia: Diálogos e horizontes*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Briscoe, R. V., Hoffman, D. B., & Bailey, J. S. (1975). Behavioral community psychology: Training a community board to problem solve. *Journal of Applied Behavior Analysis, 8*(2), 157–168. doi:10.1901/jaba.1975.8-157
- Castro, T. C., & Lacerda, F., Jr. (2014). A relação psicologia comunitária e behaviorismo: Das críticas às propostas de diálogo. *Estudos e Pesquisas em Psicologia, 14*(3), 732–755. doi:10.12957/epp.2014.13879
- Fawcett, S. B. (1991a). Social validity: A note on methodology. *Journal of Applied Behavior Analysis, 24*(2), 235–239. doi:10.1901/jaba.1991.24-235
- Fawcett, S. B. (1991b). Some values guiding community research and action. *Journal of Applied Behavior Analysis, 24*(4), 621–636. doi:10.1901/jaba.1991.24-621
- Fink, J. D. (2014). *O compromisso social dos analistas do comportamento: Caracterização e exame de publicações em periódicos brasileiros da área* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Freitas, M. F. Q. (1988). Psicólogos na comunidade: Importância e orientação do trabalho desenvolvido. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 4*(3), 236–248.

- Geller, E. S. (1990). Editor's page. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 23(2), 143–145.
- Goodstein, L. D., & Sandler, I. (1978). Using psychology to promote human welfare: A conceptual analysis of the role of community psychology. *American Psychologist*, 33(10), 882–892. doi:10.1037/0003-066X.33.10.882
- Greene, B. F., Winett, R. A., van Houten, R., Geller, E. S., & Iwata, B. A. (Eds.). (1987). *Behavior analysis in the community, 1968–1986, from the Journal of Applied Behavior Analysis* (Vol. 2, Reprint Series). Lawrence, KS: Society for the Experimental Analysis of Behavior.
- Hawkins, R. P., Greene, B. F., & Fuqua, W. (1995). Current societal concerns: Introduction. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 28(4), 399–400. doi:10.1901/jaba.1995.28-399
- Hayes, S. C., Rincover, A., & Solnick, J. V. (1980). The technical drift of behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 13(2), 275–285.
- Holland, J. G. (1978). Behaviorism: Part of the problem or part of the solution. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 11(1), 163–174. doi:10.1901/jaba.1978.11-163
- Holpert, E. C. (2004). Questões sociais na análise do comportamento: artigos do Behavior and Social Issues (1991-2000). *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 6(1), 1–16.
- Hopkins, B. L. (1987). Comments on the future of applied behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 20(4), 339–346. doi:10.1901/jaba.1987.20-339
- Hunziker, M. H. (2011). Afinal, o que é controle aversivo? *Acta Comportamentalia*, 19(4), 9–19.
- Kazdin, A. E. (1978). *History of behavior modification: Experimental foundations of contemporary research*. Baltimore: University Park Press.

- Kubo, O. M., & Botomé, S. P. (2001). Formação e atuação do psicólogo para o tratamento em saúde e em organizações de atendimento à saúde. *Interação em Psicologia*, 5, 93–122. Recuperado de <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/download/3319/2663>
- Lane, S. T. M. (2007). Histórico e fundamentos da psicologia comunitária no Brasil. In R. H. F. Campos (Org.), *Psicologia social: Da solidariedade à autonomia* (13. ed., Coleção Psicologia Social). Petrópolis: Vozes.
- Laties V. G., & Mace, F. C. (1993). Taking stock: The first 25 years of the *Journal of Applied Behavior Analysis*. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 26(4), 513–525. doi:10.1901/jaba.1993.26-513
- Leugi, G. B., & Guerin, B. (2016). To spark a social revolution behavior analysts must embrace community-based knowledge. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18(n. especial), 73–83.
- Levine, M., Perkins, D. D., & Perkins, D. V. (2005). *Principles of community psychology: Perspectives and applications* (3rd ed.). New York: Oxford University Press.
- Malagodi, E. F. (1986). On radicalizing behaviorism: A call for cultural analysis. *The Behavior Analyst*, 9(1), 1–17.
- Malavazzi, D. M., Malerbi, F. E. K., Del Prette, G., Banaco, R. A., & Kovac, R. (2011). Análise do comportamento aplicada: Interface entre ciência e prática? *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 2(2), 218–230.
- Mejias, N. P. (1991). *Estudos sobre estratégias de avaliação-intervenção em instituições de atendimentos à criança* (Tese de livre-docência). Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

- Northup, J., Vollmer, T. R., & Serrett, K. (1993). Publication trends in 25 years of the Journal of Applied Behavior Analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 26(4), 527–537.
- O'Donnell, C. R., & Tharp R. G. (1982). Community intervention and the use of multidisciplinary knowledge. In A. S. Bellack, M. Hersen, & A. E. Kazdin (Eds.), *International handbook of behavior modification and therapy*. New York & London: Plenum Press.
- Otero, M. R. (1999). *Caracterização e avaliação da psicologia comportamental comunitária, através de artigos publicados no JABA entre 1991 e 2018* (Trabalho de conclusão de curso). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Otero, M. R. (2002). *O compromisso do analista do comportamento com as questões sociais: Uma análise de publicações* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Rocha, T. G. (2012). Discutindo o conceito de comunidade na psicologia para além da perspectiva identitária. *Global Journal of Community Psychology Practice*, 3(4), 1–6.
- Sampaio, A. A. S., & Andery, M. A. P. A. (2010). Comportamento social, produção agregada e prática cultural: Uma análise comportamental de fenômenos sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 183–192. doi:10.1590/S0102-37722010000100020
- Sawaia, B. B. (1996). Comunidade: A apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In R. H. F. Campos (Org.), *Psicologia social comunitária: Da solidariedade à autonomia*. Petrópolis: Vozes.

- Schwartz, B., & Lacey, H. (1982). *Behaviorism, science, and human nature*. New York: W. W. Norton & Company.
- Sidman, M. (2009). *Coerção e suas implicações* (M. A. Andery, & T. M. Sério, Trans.) Campinas: Editora Livro Pleno. (Trabalho original publicado em 1989).
- Silva, A. R. (2016). *Tendências de publicação em 22 anos de Journal of Applied Behavior Analysis: Uma atualização de Northup, Vollmer e Serrett (1993)* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Skinner, B. F. (1978). *Reflections on behaviorism and society*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Skinner, B. F. (1987). *Upon further reflection*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Skinner, B. F. (2002). *Sobre o behaviorismo* (M. P. Villalobos, Trad.; 7. ed.). São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1974)
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov, & R. Azzi, Trans.; 11. ed.) São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953)
- Todorov, J. C., & Moreira, M. (2004). Análise Experimental do Comportamento e sociedade: Um novo foco de estudo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(1), 25–29.
- United Nations. General Assembly. (2015). *Transforming our world: The 2030 agenda for sustainable development* (Res. 70/1). Recuperado de http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/70/1&Lang=E
- Velasco, S. M., Garcia-Mijares, M., & Tomanari, G. Y. (2010). Fundamentos metodológicos da pesquisa em análise experimental do comportamento. *Psicologia em Pesquisa*, 4(2), 150–155.

- Winett, R. A., & Winkler, R. C. (1972). Current behavior modification in the classroom: Be still, be quiet, be docile. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 5(4), 499–504. doi:10.1901/jaba.1972.5-499
- Wolf, M. M. (1978). Social validity: The case for subjective measurement or how applied behavior analysis is finding its heart. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 11(2), 203–214. doi:10.1901/jaba.1978.11-203

Apêndice A

Artigos selecionados por tema

Ecologia e manutenção do meio ambiente

1. Staats, H., van Leeuwen, E., & Wit, A. (2000). A longitudinal study of informational interventions to save energy in an office building. *Journal of Applied Behavior Analysis, 33*(1), 101–104. doi:10.1901/jaba.2000.33-101
2. Schroeder, S. T., Hovell, M. F., Kolody, B., & Elder, J. P. (2004). Use of newsletters to promote environmental political action: An experimental analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis, 37*(3), 427–429. doi:10.1901/jaba.2004.37-427
3. Manuel, J. C., Anne Sunseri, M., Olson, R., & Scolari, M. (2007). A diagnostic approach to increase reusable dinnerware selection in a cafeteria. *Journal of Applied Behavior Analysis, 40*(2), 301–310. doi:10.1901/jaba.2007.143-05
4. Bekker, M. J., Cumming, T. D., Osborne, N. K. ., Bruining, A. M., McClean, J. I., & Leland, L. S. (2010). Encouraging electricity savings in a university residential hall through a combination of feedback, visual prompts, and incentives. *Journal of Applied Behavior Analysis, 43*(2), 327–331. doi:10.1901/jaba.2010.43-327
5. O'Connor, R. T., Lerman, D. C., Fritz, J. N., & Hodde, H. B. (2010). Effects of number and location of bins on plastic recycling at a university. *Journal of Applied Behavior Analysis, 43*(4), 711–715. doi:10.1901/jaba.2010.43-711

Desenvolvimento de comportamento pró-social na comunidade

1. Koffarnus, M. N., DeFulio, A., Sigurdsson, S. O., & Silverman, K. (2013). Performance pay improves engagement, progress, and satisfaction in computer-based job skills training of low-income adults. *Journal of Applied Behavior Analysis, 46*(2), 395–406. doi:10.1002/jaba.51

2. Koffarnus, M. N., Wong, C. J., Fingerhood, M., Svikis, D. S., Bigelow, G. E., & Silverman, K. (2013). Monetary incentives to reinforce engagement and achievement in a job-skills training program for homeless, unemployed adults. *Journal of Applied Behavior Analysis, 46*(3), 582–591. doi:10.1002/jaba.60
3. Farrimond, S. J., & Leland, L. S. (2006). Increasing donations to supermarket food-bank bins using proximal prompts. *Journal of Applied Behavior Analysis, 39*(2), 249–251. doi:10.1901/jaba.2006.10-05
4. Bowers, F. E., Woods, D. W., Carlyon, W. D., & Friman, P. C. (2000). Using positive peer reporting to improve the social interactions and acceptance of socially isolated adolescents in residential care: A systematic replication. *Journal of Applied Behavior Analysis, 33*(2), 239–242. doi:10.1901/jaba.2000.33-239

Promoção de saúde/cuidado com a saúde

1. Green, N. (2016). Decreasing bouts of prolonged sitting among office workers. *Journal of Applied Behavior Analysis, 49*(3), 717–722. doi:10.1002/jaba.309

Trânsito e segurança ao dirigir

1. Cox, B. S., Cox, A. B., & Cox, D. J. (2000). Motivating signage prompts safety belt use among drivers exiting senior communities. *Journal of Applied Behavior Analysis, 33*(4), 635–638. doi:10.1901/jaba.2000.33-635
2. Van Houten, R., & Retting, R. A. (2001). Increasing motorist compliance and caution at stop signs. *Journal of Applied Behavior Analysis, 34*(2), 185–193. doi:10.1901/jaba.2001.34-185
3. Gras, M. E., Cunill, M., Planes, M., Sullman, M. J. M., & Oliveras, C. (2003). Increasing safety-belt use in Spanish drivers: A field test of personal prompts. *Journal of Applied Behavior Analysis, 36*(2), 249–251. doi:10.1901/jaba.2003.36-249

4. Van Houten, R., & Malenfant, J. E. L. (2004). Effects of a driver enforcement program on yielding to pedestrians. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 37(3), 351–363. doi:10.1901/jaba.2004.37-351
5. Huybers, S., Van Houten, R., & Malenfant, J. E. L. (2004). Reducing conflicts between motor vehicles and pedestrians: The separate and combined effects of pavement markings and a sign prompt. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 37(4), 445–456. doi:10.1901/jaba.2004.37-445
6. Van Houten, R., Louis Malenfant, J., Zhao, N., Ko, B., & Van Houten, J. (2005). Evaluation of two methods of prompting drivers to use specific exits on conflicts between vehicles at the critical exit. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 38(3), 289–301. doi:10.1901/jaba.2005.57-04
7. Cox, C. D., Cox, B. S., & Cox, D. J. (2005). Long-term benefits of prompts to use safety belts among drivers exiting senior communities. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 38(4), 533–536. doi:10.1901/jaba.2005.34-03
8. Austin, J., Hackett, S., Gravina, N., & Lebbon, A. (2006). The effects of prompting and feedback on drivers' stopping at stop signs. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 39(1), 117–121. doi:10.1901/jaba.2006.49-04
9. Clayton, M., Helms, B., & Simpson, C. (2006). Active prompting to decrease cell phone use and increase seat belt use while driving. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 39(3), 341–349. doi:10.1901/jaba.2006.153-04
10. Cox, M. G., & Geller, E. S. (2010). Prompting safety belt use: Comparative impact on the target behavior and relevant body language. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 43(2), 321–325. doi:10.1901/jaba.2010.43-321
11. Kazbour, R. R., & Bailey, J. S. (2010). An analysis of a contingency program on designated drivers at a college bar. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 43(2), 273–277. doi:10.1901/jaba.2010.43-273

12. Van Houten, R., Malenfant, J. E. L., Reagan, I., Sifrit, K., Compton, R., & Tenenbaum, J. (2010). Increasing seat belt use in service vehicle drivers with a gearshift delay. *Journal of Applied Behavior Analysis, 43*(3), 369–380. doi:10.1901/jaba.2010.43-369
13. Van Houten, R., Hilton, B., Schulman, R., & Reagan, I. (2011). Using accelerator pedal force to increase seat belt use of service vehicle drivers. *Journal of Applied Behavior Analysis, 44*(1), 41–49. doi:10.1901/jaba.2011.44-41
14. Okinaka, T., & Shimazaki, T. (2011). The effects of prompting and reinforcement on safe behavior of bicycle and motorcycle riders. *Journal of Applied Behavior Analysis, 44*(3), 671–674. doi:10.1901/jaba.2011.44-671
15. Bennett, M. K., Manal, H., & Van Houten, R. (2014). A comparison of gateway in-street sign configuration to other driver prompts to increase yielding to pedestrians at crosswalks. *Journal of Applied Behavior Analysis, 47*(1), 3–15. doi:10.1002/jaba.103

Apêndice B

Dimensões/Valores	Perguntas
Aplicado (BWR) + Compatibilidade (FWCT)	<p>Os sujeitos e <i>settings</i> escolhidos são os que participam diretamente do problema a um nível que o torna socialmente importante?</p> <p>A intervenção é elaborada com os participantes?</p> <p>Os recursos (<i>know-how</i>, recursos financeiros) que a intervenção utiliza e necessita são encontrados no ambiente da população que é sujeito da pesquisa?</p>
Analítico e Tecnológico (BWR) + Simples (FWCT)	<p>A pesquisa descreve e verifica a relação entre as contingências relacionadas ao comportamento estudado?</p> <p>Existe uma descrição detalhada dos procedimentos ao ponto que outros pesquisadores poderiam implementar os mesmos procedimentos?</p> <p>Os procedimentos podem ser entendidos por qualquer pessoa?</p>
Comportamental (BWR) + Conceitual (BWR) + Sistemático Conceitualmente (FWCT)	<p>Os participantes no <i>setting</i> a ser observado experienciam o comportamento socialmente relevante?</p> <p>As técnicas envolvidas no procedimento são discutidas com relação aos conceitos básicos da Análise do Comportamento?</p>
Efetividade (BWR) + Efetividade (FWCT)	<p>A variável independente produz mudanças nos comportamentos-alvo?</p>
Generalidade (BWR) + Flexibilidade (FWCT)	<p>Há uma descrição dos efeitos que generalizam em outros sujeitos, outras condições no tempo ou em outros comportamentos?</p> <p>A implementação ou as adaptações da intervenção são arranjadas de modo a ir ao encontro das condições locais?</p>
Valores	<p>Os resultados estimulam o desenvolvimento de um modelo social diferente daquele vigente?</p> <p>Os resultados são comunicados para os “tomadores de decisão”, de modo a contribuir para ações futuras consistentes?</p>